

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**REPRESENTAÇÃO FEMININA DA CONTEMPORANEIDADE EM A COLEIRA DO
CÃO, DE RUBEM FONSECA**

**PARINTINS-AM
2017**

DANIEL ALEXANDRO PACHECO SICSU

**REPRESENTAÇÃO FEMININA DA CONTEMPORANEIDADE EM A COLEIRA DO
CÃO, DE RUBEM FONSECA**

Monografia apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superior de Parintins

Orientador: Prof. Msc. Delma Pacheco Sicsú

**PARINTINS-AM
2017**

DANIEL ALEXANDRO PACHECO SICSÚ

**REPRESENTAÇÃO FEMININA DA CONTEMPORANEIDADE EM A COLEIRA DO
CÃO, DE RUBEM FONSECA**

Monografia apresentada à banca examinadora como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em
Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, no
Centro de Estudos Superior de Parintins

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Delma Pacheco Sicsú
(presidente)

Franklin Roosevelt Martins de Castro (membro)

Márcio Azevedo da Silva (membro)

Aprovado em: ____/____/____

À Delma Pacheco Sicsú por todo o apoio dado
durante os quatro anos dessa jornada.

À Carla Paulain Campos pela grande parceria.

AGRADECIMENTOS

A graduação é o resultado de uma série de esforços e desafios vencidos ao longo de quatro anos. Por isso, primeiramente agradeço a Deus por toda a força e sabedoria proporcionada ao longo desse período para que a vitória fosse alcançada.

Agradeço à minha mãe por nunca ter deixado de acreditar em mim, me apoiar e estar comigo em todos os momentos de minha vida, sejam eles felizes ou tristes.

Agradeço à minha namorada Carla Paulain pela forte parceria ao longo da faculdade, pela compreensão e, acima de tudo, pelo fortalecimento da realização desse sonho.

Agradeço ao prefeito Bi Garcia, ao jornalista Carlos Frazão e ao secretário Gil Gonçalves por terem acreditado em meu potencial, serem compreensivos e terem me apoiado na realização desse sonho.

Agradeço às amigas Érica Freitas e Jakeline Gonzaga pela amizade construída ao longo da graduação.

Agradeço aos meus animais de estimação Nina, Neném, Nero, Nico, Mococa, Clóvis, Theodoro e Nestor por nunca deixarem de me amarem, dando a mim mais fôlego para enfrentar os desafios e realizar esse sonho.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras do CESP, sem distinção, por todos os ensinamentos repassados e por contribuírem significativamente na minha formação como professor.

RESUMO

A presente monografia tem como intuito evidenciar como a personagem feminina é enquadrada no livro de contos “A Coleira do Cão”, de Rubem Fonseca. A partir desta pesquisa, elenca-se como a mulher é posta nos oito contos que compõem o livro, enfocando-se na investigação das principais características das personagens femininas e temas abordados nas narrativas que são inseridas em um contexto contemporâneo. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se a natureza qualitativa, o método de abordagem fenomenológico, método de procedimento monográfico e o tipo de pesquisa bibliográfica para confirmar ou não a hipótese de que ao longo de todo o livro de Rubem Fonseca a mulher é qualificada sob um ponto de vista sensual e machista. Para embasar este trabalho utilizou-se os teóricos Aristóteles (1992), Beth Brait (1985), Domício Proença Filho (2005), dentre outros escritores.

Palavras-chave: Literatura, pós-modernidade, Rubem Fonseca, mulher, personagem.

ABSTRACT

The present monograph aims to show how the female character is framed in the storybook “A Coleira do Cão”, by Rubem Fonseca. From this research, it is shown how the woman is put in the eight stories that compose the book, focusing on the investigation of the main characteristics of the female characters and themes addressed in the narratives that are inserted in a contemporary context. The qualitative nature, the method of phenomenological approach, the method of monographic procedure and the type of bibliographical research were used to confirm the hypothesis that throughout the book of Rubem Fonseca the woman is qualified from a sensual and macho point of view. To support this work, the theorists Aristotle (1992), Beth Brait (1985), Domício Proença Filho (2005), and other writers were used.

Key words: Literature, postmodernity, Rubem Fonseca, woman, character.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	11
1 A NARRATIVA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA: BREVES CONSIDERAÇÕES	11
1.1 NARRATIVAS LITERÁRIAS: ENTRE O REAL E O FICCIONAL	15
1.2 A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA NARRATIVA PÓS-MODERNA	20
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
2 METODOLOGIA PARA O PROCEDIMENTO DA PESQUISA	26
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	30
3 A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA NA OBRA DE RUBEM FONSECA	30
3.1 O CONTO FONSEQUIANO	36
3.2 FIGURAÇÃO DA MULHER	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

Posta como um misto de ficção e realidade, a literatura abre um leque de possibilidades para quem almeja conhecer mais sobre uma época, uma cultura, um povo etc. O livro surge, assim, como um importante instrumento de descobertas de mistérios e fomentador do conhecimento, pois, a cada leitura, novas coisas são aprendidas, verdades são desfeitas e novos pensamentos são formados. Nas páginas de uma obra se fortalece a relação entre escritor e leitor, unidos por meio da leitura. Uma relação forjada por meio das palavras, que se torna sem limites em razão da imaginação. Essa relação fica muito mais forte quando a leitura deixa de ser uma simples decodificação de palavras e passa a incitar a emoção e a criticidade do leitor.

Enveredando por todos esses campos que permeiam a literatura, apresenta-se aqui nesta pesquisa uma análise sobre a representação feminina. Essa representação é estudada a partir do escritor contemporâneo Rubem Fonseca, em sua obra *A Coleira do Cão*. Por meio desse livro, analisa-se como ocorre a representação da mulher na literatura contemporânea. Essa temática surgiu a partir de uma inquietação sobre como ocorre essa postulação dos sujeitos femininos na obra, tendo em vista que em leituras anteriores de obras pós-modernas detectou-se que as mulheres são representadas de forma diminutiva em relação ao homem. Nesse sentido é que busca-se identificar ou não esse problema no livro de contos de Fonseca, que é ambientado na década de 1960.

Dessa forma, a pesquisa toma como problemática central a identificação sobre como ocorre a representação e o enquadramento das personagens femininas nos oito contos que compõem o livro *A Coleira do Cão*. Com o problema delimitado, busca-se, através da análise da obra, verificar se a mulher é qualificada de forma pejorativa nas narrativas, se é posta em um patamar inferior aos homens e se há evidências da presença de aspectos machistas dentro da composição de Rubem Fonseca. A partir dessa problematização, toma-se como enfoque verificar também se a mulher é posta dentro nas narrativas como personagem primária, secundária ou até mesmo como narradora. Vale enfatizar aqui que o processo de análise não é feito de modo geral, mas sim de forma minuciosa, de modo a fazer um mapeamento da figura feminina dentro da obra, trazendo à tona como é qualificada e o seu grau de importância dentro dos contos.

Como posto acima, este trabalho é feito por meio da análise de oito contos. São eles: *A força humana*, *O gravador*, *Relatório de Carlos*, *A Opção*, *O grande e o pequeno*, *Madona*, *Os graus* e *A coleira do cão*. É a partir deles que se constrói todo o processo de esmiuçamento da obra *A Coleira do Cão*.

Uma questão que deve ser explicitada, aqui, é o fato de esta pesquisa buscar muito além da simples identificação de como a mulher é representada na obra de Rubem Fonseca. Por meio desta monografia, almeja-se destacar a valorização feminina, em razão de que o processo analítico também intui desmistificar qualquer caracterização pejorativa às mulheres encontradas ao longo dos oito contos. Outro ponto que esta pesquisa considera é o desmantelamento da representação unilateral nas narrativas, que venham a valorizar somente a figura masculina, pondo a mulher em uma categoria abaixo.

É fundamental enfatizar que a pesquisa não se limita somente em buscar como a mulher é representada dentro do livro *A Coleira do Cão*. Além disso, a pesquisa busca fazer um panorama sobre a sociedade e a literatura contemporânea. Nesse sentido, divide-se o trabalho em três capítulos: Referencial Teórico; Procedimentos Metodológicos; Apresentação e Análise de Dados.

No primeiro capítulo faz-se uma abordagem teórica acerca de três questões: a narrativa literária contemporânea, a relação entre ficção e realidade na narrativa contemporânea e a construção da personagem feminina dentro da contemporaneidade. Na primeira parte, faz-se uma abordagem das principais características da contemporaneidade, enveredando para uma contextualização social e literária ao mesmo tempo, pois utiliza-se de teóricos que discutem os principais aspectos da sociedade pós-moderna e da literatura do mesmo tempo. Em seguida, discute-se sobre a relação ficção e realidade na literatura contemporânea com base em teóricos que tratam acerca da literariedade, personagens, condição humana e categorias da narrativa. Por último, neste capítulo, aborda-se sobre a construção da personagem feminina na literatura pós-moderna, enfocando em conceitos da construção de sujeitos ficcionais, no panorama histórico sobre o papel da mulher ao longo dos tempos, no espaço ocupado por escritoras na literatura brasileira e em conceitos do machismo e as problemáticas que lhe envolvem.

Dando prosseguimento ao estudo, tem-se o segundo capítulo, destinado à abordagem dos procedimentos metodológicos adotados ao longo de toda a pesquisa. Nessa parte, discute-se teoricamente sobre a natureza, os métodos, o tipo, a técnica, o campo e o objeto da presente pesquisa. Também aponta-se as etapas cumpridas para a execução da pesquisa num todo nesta parte.

Como terceiro e último capítulo, tem-se a apresentação e análise de dados. Nessa parte, aponta-se as etapas cumpridas para que se chegue a essa parte de análise das informações coletadas a partir da pesquisa bibliográfica no livro de Rubem Fonseca. Para discutir-se acerca dos dados da análise, dividiu-se este capítulo em três partes: *A representação da sociedade contemporânea na obra de Rubem Fonseca*, *O conto Fonsequiano* e *Figuração da mulher*.

Nesses tópicos discute-se a verossimilhança, contextualização presentificadora e estilística da obra, linguagem no contexto pós-moderno, características e elementos do conto, as necessidades do público contemporâneo, e, por fim, as funções e os papéis sociais exercidos pelas mulheres ao longo dos oito contos que compõem o livro *A Coleira do Cão*, de Rubem Fonseca.

Diante do exposto, frisa-se aqui a relevância da pesquisa em razão de que a mesma faz uma abordagem que aponta todo o contexto envolto na caracterização da mulher na sociedade e literatura contemporânea por meio dos oito contos do livro de Rubem Fonseca. Além disso, o presente estudo intui sistematizar uma série de teorias acerca da literatura e sociedade pós-moderna, apontando as principais características das mesmas.

Uma questão que deve ser frisada aqui é o modo de abordagem da pesquisa, levando-se em conta que a mesma tem como problemática a identificação de como a personagem feminina é enquadrada na obra fictícia de Rubem Fonseca. Dessa forma, intui-se, inicialmente, que um trabalho desse tipo tem de ser executado por uma mulher, porém, desprendido totalmente de preconceitos de gênero. Este trabalho foi elaborado por um homem, que assim como as próprias mulheres, visa desconstituir quaisquer tipos de qualificação pejorativa em relação as mulheres, seja na literatura ou até mesmo no cotidiano.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1 A NARRATIVA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Iniciada no final do século XX e prosseguindo pelo século XXI, a literatura contemporânea surgiu com o intuito de inovar a produção de textos de ficção no mundo todo. Essa inovação veio através de uma mudança radical de paradigmas, tendo em vista que essa nova literatura visa renovar a prosa e a poesia por meio da junção de diversas tendências.

Considerado um processo de desenvolvimento de manifestações estéticas da cultura, o Pós-Modernismo se alicerça no Brasil com uma tremenda intensificação de aspectos da modernidade. Num contexto mais amplo, é o período que vem depois do Modernismo, que é considerado um divisor de águas na história cultural do país, tendo em vista que trouxe à tona a conscientização nacional, o Brasil assumindo suas peculiaridades e recebendo influências sociais e culturais da Europa. Uma questão a ser evidenciada é que o estilo pós-moderno não é uma exclusividade do Brasil. Surgido em países considerados de primeiro mundo, ele tomou corpo com a computação e arquitetura na década de 1950, arte pop dos anos 1960, filosofia de 1970 e continua a se expandir com a moda, cinema e música nos dias de hoje (SANTOS, 2000).

Sobre onde surgiu o Pós-Modernismo, há disparidade. De acordo com Angela Arruda (2012), existem autores que direcionam o surgimento desse estilo de época nos Estados Unidos da América, enquanto outros direcionam tanto para os Estados Unidos quanto para a Europa, não fazendo dele um fenômeno internacional por estar polarizado entre a América do Norte e a Europa por serem considerados de primeiro mundo. Por ser basicamente europeu e americano, Linda Hutcheon (1991) afirma que o fenômeno pós-moderno não pode ser considerado internacional, pois é polarizado nesses continentes.

Porém, segundo ainda Arruda (2012), o Pós-Modernismo não ficou concentrado apenas nos países considerados potências mundiais. O seu desenvolvimento ocorreu também em nações subdesenvolvidas, qualificadas como terceiro mundo. Dentre elas, pode-se citar os países que compõem a América Latina, onde o pós-moderno foi desenvolvido por meio de uma literatura híbrida, que possui características disformes oriundas de diversas culturas, de diferentes concepções acerca de tudo. Como aponta Garcia-Canclini (apud ARRUDA, 2012), foi na América Latina onde o Pós-Modernismo mostrou-se mais radical do que nos outros pontos do mundo, pois a complexidade da cultura latina fez com que o estilo fosse desenvolvido de modo diferenciado em cada país latino-americano, não tendo um desenvolvimento uniforme no continente.

O Pós-Modernismo surgiu em um período de repressão e censura no Brasil. Com o golpe militar na década de 1960, produções culturais tiveram sua circulação ameaçada em todo o país, pois estudantes, políticos e intelectuais eram considerados uma espécie de ameaça para o governo, tendo em vista que qualquer manifestação de esquerda era repudiada pela ditadura. Apesar de “[...] servir como marco da luta para o surgimento de algo novo” (GARCIA-CANCLINI apud ARRUDA, 2012, p. 21), o Pós-Modernismo é contraditório, pois tem a apropriação de acontecimentos e personagens históricos em romances constituídos nesse período. Mesmo assim, ele surgiu com uma nova proposta de produção, que, além de ter aspectos históricos, tinha na ficção uma forma de criticar o modelo de sociedade do período ditatório e as visões de mundo da época.

Como objeto deste estudo, o livro *A Coleira do Cão* faz parte das produções do período pós-moderno. Considerado um processo de desenvolvimento de manifestações estéticas da cultura, o Pós-Modernismo se alicerça no Brasil com uma tremenda intensificação de aspectos da modernidade. Num contexto mais amplo, é o período que vem depois do Modernismo, que é considerado um divisor de águas na história cultural do país, tendo em vista que trouxe à tona a conscientização nacional, o Brasil assumindo suas peculiaridades e recebendo influências sociais e culturais da Europa. Por ser basicamente europeu e americano, Linda Hutcheon (1991) afirma que o fenômeno pós-moderno não pode ser considerado internacional, pois é polarizado nesses continentes.

Com a ditadura militar, novas alternativas tiveram que ser pensadas e elaboradas para exprimir posicionamentos em um momento que toda opinião adversa a do governo era reprimida e invalidada. Assim, escritores como Ariano Suassuna, Érico Veríssimo e Rubem Fonseca viram na literatura uma oportunidade de criticar o período de extrema repressão em que o país se encontrava. Em obras que representavam a história trágica do país no chamado período de chumbo, os autores burlavam as leis impostas na época e se opunham a isso através de obras ficcionais.

Inserido na categoria pós-modernista, Rubem Fonseca é considerado um dos precursores dessa literatura, pois sua produção vem quebrar paradigmas ao ter uma linguagem considerada suja e, em grande parte de suas obras, ter como marca a violência. Luciana Coronel diz que Fonseca “[...] vem sendo considerado autor cuja produção ficcional é identificada pela marca da violência” (2013, p. 183). A tendência brutalista tem as relações sociais das obras estabelecidas por meio da violência e brutalidade. Segundo Schollhammer (apud CORONEL, 2013), a tendência brutalista na literatura brasileira tem como temática a violência, corroborando com a realidade dos chamados submundos urbanos.

Essa brutalidade pode ser evidenciada não só com aspectos de violência narrados nas obras de Fonseca, mas também pela falta de pudor com a utilização de palavras consideradas chulas, inaceitáveis num modelo de sociedade patriarcal e conservadora como era a brasileira na década de 1960.

É essencial enfatizar que essas características elencadas acerca do Pós-Modernismo mostram que um dos seus principais intuitos era romper regras, colocando em voga o novo. De acordo com Santos (2000), o pós-moderno surgiu com o claro intuito de diluir princípios, valores, regras e práticas estabelecidas ao longo do tempo na sociedade. Esse rompimento ocorre a partir da junção de várias tendências literárias e artísticas em um só estilo, que, segundo o próprio autor, é indecifrável devido à sua pluralidade.

Sobre essa junção de diversas tendências num só estilo de época, Tavares (2002) comenta que em um contexto contemporâneo, a literatura não deixa transparecer o predomínio de nenhuma tendência literária. O autor coloca “[...] que se nota um mosaico de cambiantes, marcando em cada artista as formas de sua soberana eleição” (TAVARES, 2002, p. 103). Assim, fica claro que as composições literárias do Pós-Modernismo são oriundas de uma mescla das tendências e escolas literárias. A produção, então, passa a ser feita de forma livre, sem ter a necessidade de estar presa a determinado modelo, corroborando com o que Santos (2000) tem como conceito acerca da literatura deste período.

Segundo Lima (apud TAVARES, 2000), essa nova literatura vem quebrar com as formas empregadas pelas escolas literárias anteriores, que valorizavam uma só forma de se desenvolver o texto narrativo e poético. Amoroso enfatiza que:

[...] entre a arte marcada pela primazia do instinto e a arte marcada pela primazia da razão, há lugar para mil variações, de modo que o número de combinações possíveis entre os elementos em jogo, ainda que os reduzamos a esses dois elementos básicos – o formal e o material, (na expressão poética, a poesia e o verso), – será sempre um número finito (p. 103).

Conforme o pensamento de Amoroso, diz-se que o surgimento da literatura pós-moderna abriu um leque de possibilidades para a produção, levando em consideração que a escritura não depende mais do que a crítica considera como belo ou não. Outro aspecto importante do período pós-moderno é o desenvolvimento da arte com um aspecto inovador, que possuía uma grande carga ideológica por se colocar como um contraponto a qualquer tipo de repressão ou censura. O principal alvo era o Estado, combatido nesse estilo de época através da literatura, pintura, música e outras manifestações artísticas (PELLEGRINI apud ARRUDA, 2012).

O Estado, por sua vez, para não ser contraposto por meio da arte, utilizou meios coercitivos para breçar o advento dessas produções, apelando para a censura e até mesmo para a violência, com a utilização de forças militares para reprimir o processo de produção e difusão de produtos artísticos que iam contra ele. Tal fato ocorria porque nesse período expandiu-se espantosamente a formação de opiniões conflitantes, que não seguiam mais um mesmo caminho e questionavam basicamente tudo, seja na literatura, pintura, música ou qualquer outro meio. Coube ao Estado iniciar, assim, uma espécie de contra-ataque, com meios coercitivos.

Ao dizer que “[...] num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distinguem um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um período precedente”, David Harvey (2008, p. 45) explicita que no Pós-Modernismo houve um grande avanço em relação ao período do Modernismo. Baseado na ideia do autor, pode-se afirmar que a ascensão do pós-moderno trouxe ao mundo novas concepções acerca de tudo, evoluiu a produção artística ao fazer com que houvesse desprendimento de modelos, condições pré-estabelecidas durante o ato de produzi-las, e possibilitou ao homem questionar o sistema através da leitura de um romance, conto ou até mesmo um poema que externasse as mazelas da sociedade que eram ocultas pelo Estado e meios de comunicação.

Sobre essa característica de romper com as regras estabelecidas, frisa-se que ela encaixa as produções pós-modernas como contra-hegemônicas. Nessas produções ocorre a destituição de verdades afincadas numa sociedade através de diversos meios onde predominam as concepções impostas pelo sistema. Com a quebra desses meios, são evidenciadas questões e acontecimentos que eram escondidos, por exemplo, através de um texto literário que narre as mazelas de uma determinada cidade. Através disso, questiona-se a ideologia hegemônica, que é aquela considerada suprema e soberana em um povo, cidade ou país. Por isso, as produções pós-modernas são qualificadas como contra-hegemônicas.

Uma questão que deve ser abordada aqui diz respeito à mimeses. Aristóteles (1992) a define como imitação, e afirma que o ato de imitar é algo natural do ser humano, e que essa característica é o seu diferencial para os outros seres vivos. Além da simples reprodução do que entendemos por realidade, a mimeses revela a essência desse real. Essência essa que é construída a partir de algo que pode existir, uma possibilidade (FILHO, 2005).

Como imitação do real, pode-se dizer que o caráter mimético do livro de contos *A coleira do cão* está nos fatos narrados, tendo em vista que enfocam em questões que são vivenciadas diariamente por diversas pessoas.

Mesmo parecendo algo fictício, a realidade posta na obra de Fonseca tem uma significativa ligação com o real, porque se cria algo não se parte do vazio, mas sim de algo que já existe. Completando isso, Tavares (2002) afirma que “a imitação não significa cópia servil da natureza, mas é uma outra espécie de criação calçada diretamente ou indiretamente naquela” (p. 31).

Além de ser a imitação, a mimesis pode assumir também o papel de um recorte de determinada realidade. Mesmo sendo um escritor que coloca em suas criações aspectos realistas, Rubem Fonseca faz uma mescla entre ficção e realidade.

Quanto à verossimilhança, ela pode ser definida, de maneira geral, como algo semelhante à realidade, que tem a possibilidade de ser verdadeiro. Na literatura, as realidades são construídas a partir dos interesses que regem o discurso. Mesmo assim, a realidade não é o que mais interessa, e, sim a forma como o escritor a constrói para prender o leitor. Assim, a verossimilhança pode causar diversos efeitos nos leitores, que podem ou não sentir o que leem e considerar como verdadeiro.

Discorrendo sobre a forma como Rubem Fonseca constrói sua narrativa, Pires (2006) diz que:

Suas histórias, em geral, expõem fatos que poderiam ser lidos todos os dias nos jornais de grande circulação de qualquer metrópole. Casos de violência de todos os tipos, assassinatos e assaltos são expostos sem reservas com a maior riqueza de detalhes e informações. Ao colocá-los em sua literatura, ele não apenas reproduz, mas revela e transfigura o que está ao seu redor, graças ao poder de penetração na realidade. (p. 32)

Usando esse artifício posto por Pires, Rubem Fonseca consegue construir uma realidade que pode ser considerada real pelo leitor. Além disso, esse recurso utilizado por ele pode prender o leitor, pois, com a descrição rica de detalhes, ele consegue repassar ao leitor a ideia de que tudo o que está escrito em sua obra é verdadeiro.

1.1 NARRATIVAS LITERÁRIAS: ENTRE O REAL E O FICCIONAL

Na construção de um trabalho científico é necessário ter um embasamento para que o projeto saia do campo cognitivo e seja posto em prática. É assim que ocorre também com a produção literária, que tem como seus alicerces a ficção e a realidade.

Antes de mais nada é importante evidenciar que a obra literária não é construída à revelia, sem nenhum pré-requisito. Para que seja, de fato, literatura, o texto deve conter uma série de aspectos que o tornarão como tal. Essa série de características são denominadas, de

modo generalizado, como literariedade. Ou seja, esse elemento da literatura pode ser conceituado como “[...] aquilo que torna determinada obra uma obra literária” (CULLER apud PALMA, 1999, p. 70).

Para que um produto adquira o status de literário é necessário abranger uma série de características, entre elas, Reis (apud PALMA, 1999) aponta para três dimensões: sociocultural, histórica e estética.

Conforme Reis, na primeira dimensão de características da literatura, foca-se na literatura como uma representação coletiva do que ocorre em determinada sociedade. A segunda dimensão, por sua vez, foca-se na representação de acontecimentos ocorridos no decorrer da vida humana. Por fim, a dimensão estética encara a literatura simplesmente como um fenômeno de linguagem, enfocando-se especificamente nas suas características estruturais, deixando, de certa forma, o contexto de lado.

Outra conceituação de literariedade, postulada por Culler (1999) aponta essa característica da literatura como uma forma de ressaltar os elementos que são essenciais na construção de um texto literário, não tomando como base estudos bibliográficos e históricos para fazer a análise de determinado texto para descobrir se o mesmo é ou não literário. Essa descoberta de o texto ser literário ou não são baseadas em estudos teóricos e metodológicos que visam explicitar os aspectos que fazem de determinada produção ser enquadrada no campo da literatura. O enquadramento é feito a partir da delimitação de todos os elementos que são cruciais na construção de um texto de cunho literário.

Voltando-se para os alicerces da produção literária, é plausível ressaltar que é partir do campo real e ficcional que a literatura ocorre, de fato. Esses dois elementos andam juntos na constituição do produto literário, tendo em vista que se completam. O real é o espelho daquilo que ocorre de fato, enquanto o ficcional é uma compreensão interpretativa desse real que se manifesta por meio de pontos-de-vista adversos. Por ser uma interpretação do que ocorre na realidade, a ficção toma como um dos seus principais elementos a imaginação, uma capacidade humana de criar determinada coisa a partir do que foi vivenciado ou visto em momentos anteriores. Assim, com a junção de todos esses aspectos é que ocorre a criação literária, posta como um produto oriundo de eventos verdadeiros evidenciados em um campo imaginativo.

Como o objeto deste trabalho é o livro de contos de Rubem Fonseca, *A coleira do cão*, é importante frisar que a construção desta pesquisa foi baseada nos principais aspectos para a criação literária. Dentre eles, frisamos a mimeses – enfatizada anteriormente – e a verossimilhança. Essa tipificação dos dois como os elementos mais importantes da literatura foi proposta pelo filósofo grego Aristóteles.

Para que a literatura ocorra, de fato, é necessário ter um objeto que possibilite a sua criação. Nisso, esse elemento é a própria realidade, como enfatizado anteriormente. Como o real é o que rege a composição literária, pode-se dizer que essa produção seria uma espécie de espelho do que ocorre no cotidiano humano. É nesse contexto que se insere a verossimilhança, posta de modo abrangente como algo que se assemelha à realidade, com grande possibilidade de ser verdadeiro em decorrência da forma como o recorte do real é feito e como essas informações são absorvidas pelo leitor.

Conforme Aristóteles (1992), a literatura é um modo de se manifestar o que poderia ocorrer, não se prendendo ao que ocorreu de fato. Desta forma, são abertos precedentes na produção literária para que sejam utilizados na interpretação do próprio escritor para criar sua obra. Portanto, o escritor pode até mesmo usar da sua subjetividade para criar fatos dentro dos acontecimentos narrados em seu texto.

Uma coisa que é importante enfatizar sobre a construção de uma determinada realidade dentro de um texto são os subsídios utilizados pelo próprio escritor para fazer com que um determinado fato seja qualificado como real, mesmo não possuindo elementos que existam de fato. Em outras palavras, o que é inverossímil pode ganhar caráter verdadeiro dependendo da forma como esse acontecimento for trabalhado.

Ainda sobre essa utilização de coisas verossímeis e inverossímeis para construir uma determinada realidade na literatura, é importante ressaltar que, segundo Ligia Militz da Costa (2003), não existem limites para a utilização de aspectos reais ou irrealis na composição. Costa diz que a composição mimética (imitação da realidade) não possui limites ou barreiras para que uma determinada realidade seja construída, pois aponta o poder persuasivo como o mais importante. Essa afirmativa é baseada na premissa de que não adianta descrever determinada coisa literalmente se isso não for despertar a curiosidade e prender a atenção do leitor. Nisso, insere-se até a irracionalidade como um aspecto fundamental nessa construção literária, tomando como base os critérios de aceitabilidade estabelecidos pelos próprios consumidores da produção.

Como não é um espelho fiel ao que ocorreu na realidade, a literatura tem exaltado em si o caráter interpretativo dos seus poetas, romancistas, contistas etc. Nesse contexto insere-se Rubem Fonseca, que, em decorrência de sua experiência como delegado de polícia no Rio de Janeiro, utiliza fragmentos de sua trajetória para construir suas obras. Caracterizado como um dos precursores do chamado estilo brutalista na literatura contemporânea no Brasil, Fonseca caracteriza-se como um autor sem ‘papas na língua’, pois narra os fatos sem rodeios, descrevendo o que ocorre de fato, utilizando até mesmo palavras consideradas de baixo calão

que ferem a moral da sociedade tradicionalista. É neste contexto que os caracteres miméticos e verossímeis da obra *A coleira do cão* são investigados nesta pesquisa.

Um aspecto de suma importância que deve ser enfatizado é o fato de Fonseca ser qualificado como um escritor que usa das palavras faladas nas ruas para escrever suas obras. Por isso, o autor foi alvo de muitas críticas quando foi inserido no seletivo grupo de escritores de literatura por explicitar um linguajar posto como chulo pelos críticos. A utilização veio a quebrar os paradigmas, tendo em vista de que passou a evidenciar o que é falado por todos, mas que em decorrência de princípios, deveria ser oculto por causar impacto aos leitores.

Com base na própria orelha do livro de contos *A coleira do cão*, afirma-se que os oito textos postos nele versam sobre conflitos psicológicos presentes nos personagens. Segundo os comentários postos na orelha do livro, esses conflitos deixam essas figuras em uma situação igual a de um cão, pois não conseguem libertar-se dessa briga interna que parece prender-lhes em uma coleira. Assim como nas suas outras obras, que necessitaram de uma inspiração real, as histórias narradas nos contos trazem situações vivenciadas por diversas pessoas, independentemente de sexo, condição financeira ou social.

Todas as situações que prendem as pessoas a coleiras, como posto no próprio livro, são evidenciadas no livro de contos por meio dos personagens. Personagens esses que necessitam ser compreendidos a fim de tomar conhecimento aprofundado acerca do contexto em que eles estão inseridos, para assim, serem notabilizados os aspectos da verossimilhança nos textos, que farão com que neles haja elementos que se assemelhem a uma determinada realidade.

A partir da compreensão da personagem, classificada por Tzvetan Todorov como uma das categorias da narrativa, entende-se que esse elemento é primordial na compreensão crítica de determinado texto literário, isso porque, assim como toda a obra é um reflexo do que ocorre na vida real, a personagem também é uma espécie de cópia de uma determinada pessoa. Essa representação pode ocorrer de diversas formas, como aponta Todorov (2008): uma de modo pessoal e outra de modo impessoal.

Quanto ao personagem de caráter pessoal, pode-se afirmar que ele assume o caráter de protagonista da história, pois é o próprio narrador, que assume no decorrer da narrativa o centro da história, sendo o sujeito que dita todo o seu desenrolar. Com relação ao personagem que tem caráter impessoal, afirma-se que ele assume o papel de testemunha da narrativa, tendo em vista que não tem uma participação efetiva e não tem influência para modificar o desenrolar de determinada história.

Ainda segundo Todorov (2008), essa evidênciação do personagem de caráter pessoal nas narrativas literárias ocorre em decorrência de que a construção do texto torna-se uma

espécie de monólogo, em que todas as ações e seus desenrolares ocorrem de modo centralizado a esse sujeito. Dessa forma, a participação do sujeito protagonista e do coadjuvante ocorre de modo desigual, em vista de que o primeiro tem mais notabilidade por ser o que tem mais influência no desenrolar de toda a narrativa e depende dele a inserção do outro. À personagem testemunha cabe apenas o papel de um mero participante da narrativa, não sendo um elemento chave em que sua ausência ou presença influencia de forma direta a construção da história.

A explicitação desses personagens pode ocorrer de diversas formas. Dentre elas, vale ressaltar o texto literário. Nessa categoria artística ele é posto por meio das palavras. Portanto, conforme comenta Beth Brait (2006), o personagem é considerado um problema linguístico na literatura, levando-se em conta de que ele é construído através das palavras, sendo assim inexistente fora delas.

Nesse sentido, é correto afirmar que a literatura é a concretização de ideias alocadas na mente do escritor. É por meio dela que uma série de aspectos vivenciados ou imaginados são solidificados, perpetuados. Sendo assim, a literatura é posta como uma mescla de aspectos reais e ficcionais unidos por meio de um texto. A partir de uma sucessão de elementos reais e ficcionais que se constitui a produção literária. A isso denomina-se enredo. Segundo Todorov (2008), esse aspecto também pode ser denominado de trama, conceituada como a apresentação de acontecimentos da vida do autor.

Essa categoria essencial na construção de qualquer narrativa é encontrada nos gêneros história, novela, conto, romance, dentre outros. Como posto acima, sua presença ocorre em produções que mesclam elementos reais e ficcionais. Nesse sentido, todas as produções de cunho literário possuem enredo, em vista de que todas são originárias a partir da junção de fatos vividos pelos autores e que na literatura são misturados com elementos criados no campo da ficcionalidade.

Para que se tenha uma história, faz-se necessário o autor ter conhecimentos, mesmo que gerais, da própria condição humana das personagens que visa criar. Esse conhecimento é fundamental para criar a humanização nas narrativas literárias visando mostrar não só que o ser humano tem de bom, mas também seus aspectos negativos, para não fazer da literatura um instrumento de mera sensibilização. É aí que a literatura deixa de fazer uma abordagem geral do homem e passa a abordá-lo de modo específico, mostrando seus mais íntimos aspectos por meio das narrativas.

Além dessa evidência das características do homem, a literatura também tem um papel importante em sua formação. Pereira e Silva (2010) frisam que “[...] a literatura apresenta essa particularidade de abertura, ao promover a intersecção com outras formas de arte ou

conhecimento, abrindo-se para outras formas de experiência humana” (p. 02). Nesse sentido, além de externar o mais íntimo do homem, a literatura é muito influente na sua formação, tendo ela a grande probabilidade de ser uma modificadora da vida do seu leitor, revelando seu aspecto educativo. Ainda neste sentido, as autoras enaltecem essa importância e cobram que a produção literária seja mais valorizada enquanto um elemento participante na formação educadora do homem.

Voltando-se para a humanização das composições literárias, afirma-se que o livro de Rubem Fonseca traz à tona os fatos ocorridos no cotidiano de pessoas que não conseguem se desprender das próprias condições psicológicas, postas como empecilhos no decorrer de suas vidas. Assim, é notório o aspecto humanizador do autor em vista de que ele ressalta em suas produções não só o que há de bom no homem, mas também aquilo que é buscado ser escondido, ignorado pela maioria.

1.2 A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA NARRATIVA PÓS-MODERNA

A narrativa literária é constituída a partir de uma série de elementos, enfocando-se aqui na personagem. Essa figura é quem participa do desenrolar das ações no texto literário e muitas vezes é também quem narra os acontecimentos.

Conforme Ducrot e Todorov (apud BRAIT, 2006), a personagem existe somente no campo das palavras, sendo algo imaterial, que não pode ser tocado. Assim, conforme os autores, diz-se que a personagem é fruto da ficcionalidade. Vale ressaltar ainda que as personagens são representações de pessoas reais. Nisso, pode-se dizer que o conceito faz uma relação com o que Aristóteles (1992) propõe para a mimeses. Segundo o filósofo grego, a mimeses é qualificada como a representação do real, não como imitação em sua totalidade, mas sim uma espécie de adaptação do que ocorre no mundo real para a obra ficcional.

Por serem representações do real, os sujeitos ficcionais são frutos de uma criação subjetiva. Essa concepção é forjada a partir de elementos criados por um indivíduo com um determinado propósito. Dessa forma, esses sujeitos, inseridos dentro do texto literário, fazem desta categoria avessa às outras formas de escrita. Afirma-se isso baseado em Candido (et al, 2009), que considera o texto ficcional como aquele que não possui objetividade, sendo esse fator o que lhe diferencia dos demais tipos. Assim, essa categoria é caracterizada por projetar algo não-linear, fruto da individualidade do autor e de suas experiências ou observações feitas

ao longo de um determinado ponto de sua vida. O elemento que direciona é subjetividade dos escritores.

Para exemplificar o que está posto acima, tem-se o texto jornalístico, que vem a descrever os fatos buscando corresponder ao que ocorreu na realidade, visando elucidar todos os acontecimentos para não deixar o leitor com dúvidas sobre o que é narrado ao longo do material escrito. Já no literário, isso não ocorre, tendo em vista que os fatos são narrados de acordo com o que ocorreu em determinado contexto, mas essa narração não segue à risca o que se tem como verdade.

O autor de texto literário utiliza, em muitas ocasiões, a própria omissão de elementos para não desvendar totalmente o que é descrito por meio do seu romance, conto ou poesia. Isso segue o que Aristóteles (1992) designa como a verossimilhança, a qual qualifica como não a revelação total dos acontecimentos, mas sim daquilo que poderia ter ocorrido, de fato.

Em relação à personagem, essas afirmativas também são válidas, pois no texto objetivo, os sujeitos são qualificados de acordo com o que é observado no mundo real, buscando ser detalhista na criação dessa personagem. Por exemplo, em uma reportagem descreve-se alguém de acordo com as informações coletadas e observados sobre o mesmo, buscando sempre atentar para a veracidade do que está sendo construído.

No texto literário, posto como subjetivo, a criação da personagem ocorre de modo pessoal, em que o escritor não baseia-se somente no que é real, mas usa da sua imaginação para criar esses sujeitos. Por isso que a criação da personagem na literatura também segue o pensamento de Aristóteles, pois as mesmas são forjadas para projetar o que poderia ser, não o que é realmente.

Seguindo essa linha de pensamento com relação ao personagem ficcional, Brait (2006, p. 31) o coloca como um “[...] ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação”. Ainda neste sentido, pode-se dizer que a personagem é criada a partir da representação de não só uma pessoa, mas de um grupo posto no campo da ficcionalidade por meio da literatura. Sendo assim, a representação da mulher (enfoque deste estudo) nas obras literárias toma como base não só elementos que lhe assemelhe ao que ocorre na realidade, mas sim também àquilo que poderia ser real, que poderia vir a acontecer e que é representado por meio das obras literárias.

Nessa relação entre o real e o ficcional, a personagem, conforme aponta Horácio (apud BRAIT, 2006), tem como aspectos principais o de ser um elemento pedagógico e de entretenimento. Seguindo esse princípio, o filósofo latino ressalta que a representação do sujeito

na literatura serve como um modelo a ser seguido pela sociedade na qual determinada obra está ambientada. A obra literária seria, nessa concepção, um meio de expansão da moral e da ética dentro de um grupo social. Ao afirmar isso, o pensador toma o texto ficcional como um difusor dos bons costumes e preceitos que devem ou deveriam disciplinar o comportamento de qualquer indivíduo. Nesse sentido, a obra literária também tomaria um aspecto pedagógico, pois seria, assim, um instrumento para educação e modelização do modo de agir do homem.

Porém, essa concepção de Horácio toma como base a sociedade grega na antiguidade, onde a ética e a moral ditavam os rumos da vida de qualquer cidadão. Na atualidade, a moral e a ética ainda são muito presentes, mas não de forma tão forte como era na antiguidade. Um exemplo disso tem-se na própria literatura, que em muitas produções contemporâneas é posta não como a representação do homem ou de um grupo social ideal, mas como um elemento denunciativo das práticas que vão contra os aspectos éticos e morais. Portanto, na atualidade o homem não é representado por meio das personagens como um modelo, mas sim como uma representação dos prós e contras da vida pós-moderna. O que exemplifica isso é a própria forma da literatura contemporânea, que deixou de ser totalmente presa a determinadas regras para tornar-se algo livre, que não necessita ter uma escrita que siga um conjunto de regras de determinada corrente literária ou deva tratar somente de uma questão.

Ainda com relação à contemporaneidade, é importante ressaltar o papel da mulher nesse período da história humana que compreende à pós-modernidade. Igualmente a outros períodos da história, a mulher também enfrenta na atualidade um certo preconceito. Isso é o que aponta Ester Duflo (2011) em um estudo sobre a igualdade de sexo em países em situação de desenvolvimento econômico e social.

Para Duflo (2011), em países subdesenvolvidos há um grande atraso com relação às condições financeiras e sociais das mulheres se comparadas aos homens. Essa situação ocorre devido ao fato de que o sujeito feminino não possui tantas chances quanto o masculino de encontrar um emprego, de ganhar o mesmo salário e ter as mesmas oportunidades para educar-se e qualificar-se profissionalmente. Essa situação revela uma condição patriarcal que infere consideravelmente na vida da mulher. O que também fica explícito é o caráter machista em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Em um estudo sobre a condição feminina em diversas épocas no Brasil, Chagas & Chagas (2017) enfatizam que desde o princípio da história humana a mulher enfrenta os problemas ocasionados pelas disparidades com relação ao sexo masculino. Segundo os autores, desde o período pré-histórico o modelo de sociedade vigente no mundo tem como forma o patriarcalismo. Enfatizando-se ainda que a visão patriarcal, em que o homem prevalece, se

perpetua também por questões ligadas intimamente à religião. O exemplo disso, como citam os autores, é a própria condição cristã de ser, na qual o homem é posto nos escritos sagrados como superior. Isso foi perpetuado até a Idade Média, tendo em vista que na Modernidade essa visão foi perdendo força devido a grandes mudanças de pensamento ocasionadas por seguidas revoluções na Europa que tiveram o sujeito feminino como um elemento primordial para que elas ocorressem.

Mesmo assim, no contexto atual, a figura masculina ainda tem mais força que a do sexo oposto, sendo mais presente nos diversos campos da sociedade. Destaca-se aqui, a produção artística e literária. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, há mulheres que conseguiram ultrapassá-las para tornarem-se ícones na Literatura Contemporânea Brasileira. É o caso de Adélia Prado, Cora Coralina, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles e Nélida Pinõn. Porém, comparado ao universo literário do Brasil, a quantidade de escritoras do sexo feminino é pequena em comparação ao de homens. Apenas cinco mulheres estão nesse seleto grupo que tem como ícones também Ariano Suassuna, Dalton Trevisan, Ferreira Gullar, Milton Hatoum, Rubem Fonseca, dentre outros escritores.

A partir dessa comparação fica evidente que também no ramo da literatura ocorre disparidades entre a presença de homens e mulheres no que podemos chamar de grupo dos escritores mais destacadas. Um dos fatores para que esse quadro exista pode ser, como posto acima, o modelo de sociedade patriarcal seguido no Brasil desde a sua colonização no século XIV. Desde essa época foi imposta às mulheres a função de cuidar da casa, gerir a família, sem o direito de progredir educacionalmente e profissionalmente.

Mesmo com todas as dificuldades, Adélia Prado, Cora Coralina, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles e Nélida Pinõn são parte integrante do grupo de autoras mais relevantes da literatura pós-moderna no Brasil. Com romances, contos, poesias, ensaios, livros infantis e crônicos, as escritoras ganharam seu espaço, deixando de lado todas as barreiras impostas pelo machismo que ainda impera na sociedade brasileira.

Classificado, de modo geral, como a qualidade de ser e agir como macho, o machismo é um tema que gera muitas discussões. Essa problematização ocorre devido ao fato de que a palavra machismo está muito ligada a uma qualificação pejorativa, em que o homem que o pratica tem incutido em si aspectos de uma mentalidade preconceituosa em relação ao sexo oposto.

Para conceituar machismo, Stevens (apud GUTMANN, 2013) toma como base o homem latino-americano, o qual é posto como o sujeito adepto desse pensamento. O autor evidencia que o machismo é designado como a veneração à virilidade, tendo como principais

aspectos a agressividade exacerbada, intransigência nas relações com outras pessoas e uma arrogância nos relacionamentos com as mulheres.

Toda essa problemática posta acima foi estudada no México. Apesar de ser um país que faz parte da América do Norte, a conceituação posta por Matthew Gutmann (2013) é válida para o Brasil. Afirma-se isso com base nas próprias colocações do antropólogo americano, que vem colocar o machismo não como uma característica masculina no geral, mas como parte dos homens latino-americanos. Em razão disso, demonstra-se o caráter de superioridade dos norte-americanos com relação aos latinos, de modo que eles se põem acima daqueles que habitam os países da América Central e América do Sul, onde o Brasil está localizado.

Corroborando com o que afirma Gutmann, Luiz Rufatto, em uma entrevista concebida a Christian Grönnagel e Doris Wieser e publicada na revista eletrônica *Espaço e subjetividade*, em 2015, enfatiza que o machismo está enraizado no Brasil. De acordo com Rufatto (apud GRÖNNAGEL e WIESER, 2015), a maior demonstração de que o Brasil é um país machista é a quantidade de mulheres assassinadas na última década no país. Conforme levantamento feito, foram mais de 45 mil pessoas assassinadas. Esse número é o reflexo da violência contra as mulheres em todo o país.

Fora a violência, o machismo incute nos homens outras características, como aponta a pesquisa antropológica feita por Matthew Gutmann (2013). No estudo feito pelo teórico norte-americano, o machista tem as características de ser um sujeito “[...] indomado, generoso, cruel, mulherengo, romântico, obsceno, em paz com a família e amigos, subjugado e inquieto...” (p. 78), enquanto as mulheres são postas como alguém que deva obedecer, seduzir e servir seu marido, seu amante e seus filhos acima de tudo. Assim, fica evidente que o machismo vai muito além da violência física, pois também faz com que a mulher seja submissa e tenha que suportar tudo o que é imposto pelos homens.

Essa inferiorização arrasta-se há tempos no Brasil. Prova disso é que as próprias leis da constituição versavam sobre isso, excluindo as mulheres até mesmo do exercício democrático de votar e concorrer a cargos eletivos públicos. Na constituição instituída em 1916, por exemplo, o sujeito feminino era posto como incapaz de seguir sua vida sem a orientação do homem (CHAGAS & CHAGAS, 2017). Fora isso, existiram leis que determinavam ao homem o papel de mentor de todas ações dentro da família, ficando à mulher somente o dever de cuidar dos afazeres domésticos e da satisfação do marido.

Apesar de estarmos num período em que a democracia possibilitou - na teoria - igualdade a todos, as disparidades entre as condições sociais, educacionais e financeiras entre homens e mulheres ainda são grandes no Brasil e em países subdesenvolvidos. Um reflexo disso

está na própria literatura, em que os homens dominam o cenário de produção no Brasil, deixando apenas um pequeno espaço para as mulheres. Uma realidade que se arrasta há séculos.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 METODOLOGIA PARA O PROCEDIMENTO DA PESQUISA

Todo trabalho de pesquisa necessita de um embasamento teórico para dar relevância acadêmica ao que está contido na parte metodológica. Nesse sentido, a descrição das atividades desenvolvidas e a escolha dos métodos bases da investigação necessitam de teorização para que a pesquisa tenha validade, tendo em vista que ficar no campo da subjetividade não dá sustentação para as aferições feitas ao longo de todo o processo de investigação.

Neste sentido, este trabalho tem como alicerce teórico metodológico Antônio Severino (2008), Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009), e Prodanov e Freitas (2013). A partir desses autores é que construiu-se o processo de investigação, seguindo o que os autores regem sobre a natureza, métodos, tipo, técnica, campo e objeto de pesquisa do presente trabalho de conclusão de curso.

Voltando-se a esses aspectos acima indicados, afirma-se que esta pesquisa tem como natureza a qualitativa, ao elencar que, diferentemente da pesquisa de natureza quantitativa, nesse trabalho não tomou-se como norte os números, em vista de que buscou-se chegar no entendimento de diversas questões do livro *A coleira do cão* por meio da contextualização entre o que está posto na própria obra em comparação a diversas teorias literárias da contemporaneidade. Assim, com base em Gerhardt e Silveira (2009), afere-se a esse estudo um caráter de cunho científico, pois o mesmo tem na valoração das coisas um dos seus principais aspectos, o que lhe dá um caráter puramente subjetivo.

Esse caráter subjetivo é presente na própria análise do livro, levando-se em consideração que este trabalho traz uma investigação sobre a caracterização da personagem feminina na literatura contemporânea por meio da obra de contos de Rubem Fonseca, *A coleira do cão*. Afirma-se que esta análise tem um caráter subjetivo em razão da própria identificação do problema analisado, que foi alcançada a partir da leitura dos textos do livro em questão. Assim, é correto dizer que todos os problemas das pesquisas científicas são identificados a partir de uma vivência real.

Outro aspecto que precisa ser frisado sobre a pesquisa de natureza qualitativa diz respeito à compreensão aprofundada e crítica sobre os temas. Corroborando com essa afirmativa, Gerhardt e Silveira dizem que “[...] os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as

ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria” (2009, p. 31).

A ruptura de pressupostos ocorre na própria escolha do objeto de pesquisa. Pelo fato de a representação da mulher na literatura ser analisada por um homem, já se quebra os paradigmas sobre a valorização feminina, em vista de que isso versado pelas teorias feministas, que também almejam a libertação. Neste sentido, este trabalho veio a romper esses pressupostos, pois as personagens de sexo feminino no livro de Rubem Fonseca foram analisadas sob o ponto de um pesquisador, de um homem.

Ainda sobre a natureza qualitativa de pesquisa, Gerhardt e Silveira afirmam que nela o pesquisador busca a explicação de determinado fenômeno, não tomando como base a quantificação dos aspectos suscitados ao longo da pesquisa (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Assim, a presente pesquisa visou o estudo da personagem feminina numa perspectiva de análise em que os números não foram levados em consideração, pois buscou-se apontar como a mulher é posta por Rubem Fonseca em suas obras e explicar o porquê disso, apontando os principais aspectos encontrados ao longo da investigação, respondendo de forma positiva e negativa às mais diversas hipóteses durante a formulação do projeto de pesquisa da presente análise.

Quanto ao método de abordagem, este trabalho foi construído com base no fenomenológico, apoiado no método hipotético dedutivo. Enquadra-se esta pesquisa no método fenomenológico, que estuda um aspecto para descobrir porque ele ocorre de determinada forma (PRODANOV e FREITAS, 2013). Para isso, este estudo vem investigar como ocorre a qualificação da mulher ao longo dos contos da obra *A coleira do cão* e o porquê dessa classificação. Vale ressaltar que, como apontam Prodanov e Freitas, a pesquisa não tem como camisa de força a teoria literária, mas também é baseada na própria subjetividade do pesquisador que utiliza-se dos seus pontos de vistas e da própria intuição para aferir determinados posicionamentos que serão ou não confirmados.

Por ser o método de abordagem base dos estudos literários, o fenomenológico, como elencado acima, tem como uma das principais características a intuição. É por meio desse elemento que se fez uma dedução sobre como a personagem feminina é posta na obra *A coleira do cão*, de Rubem Fonseca. A partir de leituras anteriores de outras obras de Fonseca, notou-se que a mulher é qualificada de modo inferior ao homem, de forma pejorativa muitas das vezes.

Como método de procedimento, a pesquisa segue o que rege o método monográfico. Segundo Gil (*apud* PRODANOV e FREITAS, 2013), “o método monográfico tem como princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes” (p. 39). Neste sentido, o presente

estudo vem abordar a representação da personagem feminina na obra de Fonseca de modo aprofundado, explicitando os principais aspectos encontrados e problematizando-os com base em teorias literárias da contemporaneidade.

Outro aspecto desse método de procedimento que deve ser ressaltado é o que diz respeito à reunião de diversas teorias em função da análise de um tema presente em um livro. A partir dessa junção das teorias é que se construiu arcabouço para construir a análise, deixando-se assim, questões subjetivas de lado.

Com relação ao tipo de pesquisa, este trabalho foi construído sob o prisma da pesquisa bibliográfica. Nessa espécie de análise constrói-se o estudo a partir de material já existente, que neste caso foi o livro de contos *A coleira do cão*, de Rubem Fonseca. Além de livros, como aponta Severino (2007), esta pesquisa abarca artigos, teses, dentre outros tipos de meios escritos.

A pesquisa do tipo bibliográfica ocorre essencialmente em livros. Neste sentido, nela não é necessária a realização de pesquisa de campo, aplicação de oficinas ou realização de outras atividades para a coleta de dados. O próprio material escrito, seja ele impresso ou não, é o objeto da pesquisa onde são evidenciados os aspectos analisados. O processo de investigação ocorre a partir de leituras e releituras da obra analisada.

No desenvolvimento desta pesquisa, como posto anteriormente, tomou-se objeto o livro que reúne uma série de contos do romancista Rubem Fonseca. Nessa investigação fez-se um levantamento sobre os temas abordados em cada conto e como as mulheres são inseridas nesse cenário para então suscitar a discussão sobre a qualificação da personagem do sexo feminino nos contos. Para isso, fez-se uma série de estudos bibliográficos em textos acerca da história da mulher na literatura brasileira, do contexto social do Brasil no período em que o livro analisado foi publicado, e de teorias literárias críticas sobre a literatura pós-moderna brasileira. É importante enfatizar ainda que, devido à extensão da pesquisa, enfocou-se numa análise mais aprofundada em quatro dos oito contos.

Este trabalho tem como método técnica de pesquisa indireta, pois o seu tipo se encaixa na bibliográfica, que ocorre em estudos que tomam como objetos de análise monografias, jornais, livros, revistas, dentre outros tipos de publicações. Outro ponto que confirma essa classificação é o fato de nesta pesquisa não ter sido necessário a realização de observação de determinado fenômeno ou comportamento para a construção da análise, muito menos a realização de entrevistas e aplicação de questionários, como ocorre na técnica direta.

Como posto anteriormente, o objeto desta pesquisa é o livro de contos *A coleira do cão*, do renomado escritor contemporâneo brasileiro Rubem Fonseca. O livro contém oito contos,

sendo eles: *A força humana, O gravador, Relatório de Carlos, A Opção, O grande e o pequeno, Madona, Os graus e A coleira do cão.*

Conforme Lakatos e Marconi (2003), o objeto da pesquisa engloba problemas e hipóteses. Neste caso, a pesquisa buscou ressaltar como Rubem Fonseca representa e enquadra a mulher nos oito contos do livro *A Coleira do Cão*, com base em hipóteses de que nesses textos a mulher é posta de modos adversos em razão de sua posição social, de que a figura feminina é narrada a partir de um ponto de vista sensual e machista.

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Este tópico tem como finalidade apresentar e analisar os dados da presente pesquisa, feita com base no livro de contos *A Coleira do Cão*, do escritor contemporâneo Rubem Fonseca. A presente pesquisa é denominada *Representação feminina da contemporaneidade em A Coleira do Cão, de Rubem Fonseca* e foi realizada por meio de uma investigação bibliográfica no livro de contos.

Para esse processo analítico foi feita a leitura na íntegra do livro, destacando os principais elementos da obra que evidenciem a qualificação da personagem feminina e da sociedade na contemporaneidade, os principais temas abordados na narrativa e como a obra, na sua completude, é construída.

O objeto de análise desta pesquisa, o livro de contos *A Coleira do Cão*, é dividido em oito contos: *A força humana*, *O gravador*, *Relatório de Carlos*, *A opção*, *O grande e o pequeno*, *Madona*, *Os graus* e *A coleira do cão*. As narrativas, de modo geral, abordam temáticas presentes no cotidiano contemporâneo, como: prostituição, adultério, problemas familiares, luxúria e a violência urbana.

Além disso, para embasar o processo de análise, fez-se a leitura e análise crítica de teóricos sobre a personagem, contemporaneidade, teoria literária, dentre outros temas abordados ao longo do trabalho. Com esse arcabouço teórico, constrói-se nesta etapa do trabalho uma análise criteriosa acerca de como a sociedade contemporânea é posta na obra de Rubem Fonseca, sobre as características dos contos do autor e a respeito de como a mulher é representada em toda a obra.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA NA OBRA DE RUBEM FONSECA

Compreendida dos anos 1940 até a atualidade, a Idade Contemporânea é marcada por diversos acontecimentos que demonstram o processo de mutação nos contextos sociais, econômicos e culturais do mundo. Tudo o que era posto como paradigma a ser seguido nos diversos ramos da produção de conhecimento caíram por terra, em vista de que o pensamento pós-moderno destitui qualquer aprisionamento a regras, deixando-se livre, por exemplo, a produção literária sem estigmas, sem métodos preestabelecidos a serem postos em prática. Enfim, a contemporaneidade é vista como um tempo onde a hibridização se faz presente em praticamente tudo.

Embora haja esse desprendimento de paradigmas, na contemporaneidade, assim como as outras épocas, reflete-se, na literatura, o mundo real. Esse reflexo é posto em poesias, romances, crônicas e contos.

A obra *A Coleira do Cão*, de Rubem Fonseca, apresenta oito contos que são ambientados no Rio de Janeiro. A capital fluminense é onde o escritor brasileiro reside e faz o cenário dos seus romances e contos. Ex-policia, Fonseca transmite por meio da literatura, principalmente por meio da obra *A Grande Arte*, um modo de escrever literatura com um caráter brutal, sem esconder nem velar cenas qualificadas como horrendas ao longo de sua obra, levando à tona também um caráter sensual muito forte ao longo de toda a história. Por essa característica, o autor é considerado o precursor da estética brutalista no Brasil.

Apesar de ter essa qualificação, Rubem não utiliza-se do livro de contos *A Coleira do Cão* para explicitar essa sua característica de compor. Como posto na própria orelha do livro, a obra em questão aborda os problemas do homem contemporâneo e suas angústias que lhe fazem ficar preso ao seu subconsciente da mesma forma que um cão fica à sua coleira, que mesmo tentando desvencilhar-se dela, não obtém êxito.

Nesse sentido, a partir dos contos, o autor faz uma abordagem sobre fatos que ocorrem no cotidiano, seguindo o que Aristóteles (1992) conceitua como verossimilhança, ou seja, a representação daquilo que poderia vir a acontecer na realidade. Assim, a obra fonsequiana surge como um reflexo da realidade, utilizando-se dos oito contos para abordar questões presentes no dia-a-dia de muitos brasileiros.

Um ponto que deve ser enaltecido diz respeito ao tempo de composição e publicação da obra, que data do ano de 1965. Apesar de ter passado mais de 50 anos, as questões elencadas na obra (como adultério, violência urbana e outros) ainda são atuais.

Para se escrever sobre determinada coisa deve-se ter algo para embasar-se. Na literatura não é diferente. Como um ramo da produção cultural/intelectual que vem a refletir, de modo direto ou indireto a realidade, as obras são concebidas muitas das vezes por meio da evidenciação de fatos vivenciados pelos próprios autores, em junção a elementos ficcionais criados também por meio de suas experiências de vida ou até mesmo de suas leituras (ZILBERMAN, 2012).

Desse modo, fica explícito na obra de Rubem Fonseca que ele utiliza-se dessas estratégias para construir suas narrativas. Um exemplo disso pode ser notado no próprio livro *A Coleira do Cão*, em que o último conto (do mesmo nome) narra o cotidiano de um delegado do Rio de Janeiro, elencando os casos a serem elucidados, os desafios enfrentados pela polícia no combate à criminalidade e a violência urbana na metrópole. Nesse conto fica evidente a

utilização de suas próprias experiências para constituí-lo, tendo em vista que Fonseca, por meio da literatura, expõe fatos vivenciados durante vários anos em que atuou como policial na capital fluminense. Uma questão, que é evidente no conto, é o fato do escritor utilizar da narrativa para criticar o próprio sistema de segurança do Rio, o qual é posto como deficitário, totalmente desestruturado, em que os policiais não possuem as mínimas condições de desenvolver suas atividades normalmente, deixando de proteger a população como deveria.

No trecho a seguir, o autor narra o momento em que o protagonista do conto *A coleira do cão*, o delegado Vilela, chega ao local onde ocorreu um assassinato

Vilela chegou perto do corpo caído. Na testa negra havia um orifício avermelhado; a parte de trás da cabeça tinha desaparecido, em seu lugar havia um buraco onde se viam restos de miolos, lascas de ossos misturados com cabelos, coágulos de sangue escuro cheios de moscas. Sangue empapava a camisa, no peito e nas costas. (FONSECA, 2010, p. 195)

No excerto acima, a caracterização de Fonseca como um autor brutalista torna-se evidente. A forma como o escritor narra a cena demonstra a sua frieza no tratamento de determinados temas e acontecimentos. A naturalização do fato na descrição do morto demonstra que o escritor não faz questão de ser sutil ou de amenizar as coisas para não criar repulsa no seu leitor. Apesar de ser uma de suas principais características essa forma desavergonhada de descrever os fatos, é apenas neste conto que o estilo brutalista fonssequiano fica saliente.

Continuando a abordagem sobre o conto *A coleira do cão*, é fundamental ressaltar que nele também há a contextualização presentificadora¹. Esse aspecto fica evidente na forma como a violência na capital fluminense é retratada, sendo muito parecida com o que ocorre na atualidade. Para fortificar essa afirmativa, vale enfatizar que dentro da história é versado sobre o cotidiano das comunidades periféricas do Rio de Janeiro, apontadas no texto como locais que servem de morada para criminosos de alta periculosidade e que são de difícil acesso por serem morros. Para tais caracterizações é pego como exemplo o morro do Tuiuti, localizado no bairro de São Cristóvão, zona norte do Rio.

É fundamental dizer que o conto narra um conflito entre policiais e contraventores na referida comunidade. O conflito é motivado pela busca de um bandido de nome Bambais, acusado de cometer uma série de assassinatos que aterrorizaram a cidade. Durante a busca pelo suspeito ocorre o assassinato do policial Melinho, baleado durante um confronto com marginais que estavam no alto do morro do Tuiuti.

¹ Busca a correspondência da obra com o que ocorre na realidade.

Fazendo uma junção entre essa contextualização presentificadora, vale ressaltar que a obra, como apontado por Zilberman (2001), reflete a realidade. Essa realidade, muitas das vezes, é refletida por meio de questões e temas polêmicos que incomodam determinado grupo social ou político. Um exemplo disso é notado no conto *O grande e o pequeno*, o qual narra a história de uma família portuguesa radicada no Rio de Janeiro que busca preservar suas tradições, vivendo atrelados ao que ocorreu no passado. Dessa forma, fica evidente, como é posto na orelha do livro analisado, que o que prende a família ao seu subconsciente é essa ilusão de que ainda vivem em Portugal e que toda a rotina e comportamento do país luso têm de ser aplicados no Brasil. É importante salientar que o conto é denominado de tal forma devido à relação de amizade entre os primos Zé Grande e Zé Pequeno.

No conto *O grande e o pequeno* também aborda-se sobre o amor proibido. Esse sentimento é vivenciado por um dos personagens que dá nome ao conto, Zé Grande. Zé é namorado de Maria Aparecida, pela qual tem uma intensa paixão e está decidido a casar-se com ela. Porém, em boa parte da narrativa esse relacionamento é escondido, posto como algo proibido, que não seria em hipótese nenhuma aceito pela família de portugueses. A proibição fica evidente no trecho de um diálogo entre Zé e sua mãe Emerlinda: “Eu digo”, disse tia Emerlinda, “tu não pode casar com essa, com essa...” / “Anda, mamãe, diz”, desafiou Zé Grande, com amargura. / “...com essa negra... É isso que ela é, meu filho, uma negra...” (FONSECA, 2010, p. 145).

A partir do trecho acima revela-se que a proibição do relacionamento deu-se por conta do preconceito de uma família que não queria “manchar” suas origens ao permitir que um de seus membros constituísse família com alguém que não fosse europeu. Esse impedimento pode ser ligado ao que Wedderburn (2007) aponta como racismo. De acordo com o autor, essa problemática teve seu advento no século XV, quando os europeus sistematizaram ideias e valores sobre a variedade racial e cultural de povos em que a Europa teve contato pela primeira vez a partir dos chamados descobrimentos. Portanto, os europeus iniciaram todo um processo para qualificar os povos recém-conhecidos, de acordo com suas especificidades, para submetê-los socialmente como escravos.

Dessa forma, Fonseca revela que na década de 1960, mesmo tendo passado muitos anos da abolição da escravatura, ainda era muito presente o preconceito com os afrodescendentes no Brasil, principalmente por parte de descendentes de imigrantes europeus. A partir do conto, Fonseca também faz uma crítica ao próprio europeu, colocando-o como alguém que sente-se superior a todos os outros povos, dando-lhes o direito de desqualificar quem não tivesse a mesma origem.

Propositalmente ou não, Fonseca relaciona esse aprisionamento dos personagens do conto *O grande e o pequeno* à hereditariedade portuguesa para criticar o próprio europeu, como posto acima, que é qualificado como o iniciador do racismo. Assim, esse aspecto superior aos demais seria algo inerente aos descendentes de europeus, como revelado na narrativa.

Destaca-se aqui que essa problemática que envolve a discriminação racial existe desde a antiguidade, perpassando por todos os períodos da história até a contemporaneidade. Nesse sentido, revela-se que a abordagem de tal tema na obra de Fonseca revela ainda mais o seu caráter presentificador, pois nos contos publicados na década 1960 reflete-se o que ainda ocorre em pleno século XXI.

Essa característica de atualidade dos temas presentes em Rubem Fonseca enfatiza as características do que Arruda (2012) aponta como os aspectos presente no conto contemporâneo. Conforme a autora, o conto contemporâneo é o reflexo das mudanças da era moderna capitalista, em que o homem é retratado como um sujeito que luta diariamente para superar os seus problemas e limites, tendo êxito ou não. Esses problemas são ou não vencidos, como apontam as produções do gênero conto desse período e como se observa no próprio livro *A coleira do cão*, através do conto *O grande e o pequeno*.

Nesse caso, o que se aponta é a vitória do amor, tendo em vista que, apesar de toda a família não querer o prosseguimento da relação, Zé Grande não titubeou e continuou atrás de seu objetivo que era casar com Maria Aparecida. Somente com o aval de seu avô, que impôs o seu papel de patriarca da família para dizer ao neto que poderia contar com seu apoio, o jovem largou sua família e foi embora com Maria para o desconhecido, viver uma vida a dois.

Outra questão que demonstra a atualidade da obra é a forma como o próprio autor a constrói. Com uma escrita cheia de detalhes, que destaca todos os elementos da narrativa de forma que prenda o leitor às suas produções, Rubem Fonseca é, de certa forma, um dos expoentes no processo de renovação da literatura brasileira, surgindo como o novo no meio de um segmento pautado por paradigmas.

A literatura deixa marcas de um tempo, de uma época, de valores, mas principalmente a marca estilística do autor. É nesse último elemento que se destaca Fonseca, porque ele foi o responsável pelo advento de um estilo brutal, que não esconde nem suaviza fatos para não gerar horror no seu leitor. Além disso, o escritor tem como marca uma escrita sensual, cheia de erotismo, que traz à tona o cotidiano do homem contemporâneo nas grandes cidades, principalmente na cidade em que mora, o Rio de Janeiro. Este é o caso do livro de contos *A Coleira do Cão*, que ambienta a maior parte das narrativas na capital fluminense.

Um aspecto que deve ser evidenciado em Rubem Fonseca é o fato de constituir suas obras de uma forma bem original, deixando de lado valores e regras. Uma prova disso são os próprios temas abordados, que em seus romances, como em *A Grande Arte*, são naturalizados. O exemplo disso é a forma como o autor versa sobre a morte e o ato sexual, fazendo com que tais acontecimentos sejam repassados ao leitor de forma brusca, sem sutileza.

Voltando-se para o livro de contos *A Coleira do Cão*, frisa-se que esse aspecto de rompimento dos paradigmas se faz presente nele. Tal afirmativa é embasada na própria forma como o autor constrói os contos, tendo em vista que não segue a um padrão definido. Um exemplo disso pode ser mostrado na forma como Fonseca constitui o papel do narrador nos textos.

No primeiro conto do livro, nomeado como *A força humana*, a narração ocorre em primeira pessoa, dando ao protagonista a missão de situar e narrar os acontecimentos postos na narrativa. Além disso, o personagem-narrador tem o papel de personagem central do conto, levando-se em consideração que em todos os fatos ele se faz presente, sendo partícipe das ações ou apenas um expectador que releva ao leitor sua visão sobre o que ocorre.

De acordo com Todorov (2008), esse tipo de narrador posto acima é repleto de pessoalidade:

[...] O que diz *eu* no romance não é o *eu* do discurso, por outras palavras, o sujeito da enunciação; é apenas uma personagem e o estatuto de suas palavras (o estilo direto) lhe dá o máximo de objetividade, ao invés de aproximá-lo do verdadeiro sujeito da enunciação (p. 61).

Nas palavras do autor, o narrador sai muito mais desse papel para assumir o de personagem, tendo em vista que lhe torna participante das ações e parte fundamental não só por narrar os acontecimentos, mas por ser uma das peças do jogo de xadrez. Esse tipo de narrador, pessoalizado, é perceptível no trecho inicial do conto *A força humana*:

Eu queria seguir em frente mas não podia. Ficava parado no meio daquele monte de crioulos – uns balançando o pé, ou a cabeça, outros mexendo os braços; mas alguns, como eu duros como um pau, fingindo que não estavam ali, disfarçando que olhavam um disco na vitrina, envergonhados. É engraçado, um sujeito como eu sentir vergonha de ficar ouvindo música na porta da loja de discos (FONSECA, 2010, p. 11)

É importante evidenciar aqui que esse narrador em primeira pessoa também é presente nos contos *O gravador*, *Relatório de Carlos*, *Madona* e *Os graus*.

Evidenciando ainda mais a característica de transgressão aos moldes literários e estéticos, Rubem Fonseca faz uma quebra de paradigmas na forma como narra os fatos postos no livro analisado. Isso fica evidente porque o autor também utiliza do narrador impessoalizado,

que somente versa sobre os fatos sem participar dos mesmos nos contos, como aponta Todorov (2008). É o que ocorre em *A opção*, *O grande e o pequeno* e *A coleira do cão*. Nestes textos, o narrador se distingue dos personagens, pois não é partícipe das ações nem interfere nos atos postos, pois só situa o leitor nos acontecimentos, como ocorre no trecho a seguir do conto *A coleira do cão*:

O quarto tinha uma cama, uma cadeira, uma mesinha de cabeceira. Não havia lençol, nem fronha no travesseiro duro. A luz era fraca, amarela. Vilela ficou no escuro. Deitou-se, depois de tirar o paletó e afrouxar o nó da gravata. Sobre o peito colocou um cinzeiro, onde jogava as cinzas que não via do cigarro que fumava lentamente. Ouviu a chegada de uma RP e se preparou para descer. Mas Demétrio (FONSECA, 2010, p.

Com o destrinchamento dos tipos de narrador presentes nos oito contos do livro *A Coleira do Cão*, afirma-se que 62,5% de todo o livro de contos é narrado em primeira pessoa, deixando 37,5% para os narrados em terceira pessoa, de forma impessoal. Assim, fica claro que o autor utiliza disso para, mais uma vez, evidenciar seu caráter transgressor, pois inova ao constituir a maior parte de suas obras em primeira pessoa, transformando todo o texto em um monólogo, em que tudo ocorre sob a visão do próprio autor, posto no papel de personagem-narrador.

3.2 O CONTO FONSEQUIANO

Como posto anteriormente, o período que compreende à contemporaneidade vem dos anos 1940 até a atualidade. Esse tempo é marcado pelas constantes mudanças, seja no campo social, econômico ou literário. No campo literário, houve muitas alterações na forma como são construídos textos poéticos e narrativos. É nesse período que remodela-se o tipo de texto que está sendo trabalhado nesta pesquisa, o conto.

Conforme Massaud Moisés (1967), o termo conto é empregado desde os primórdios. Porém, é a partir do século XVI que a expressão passa a ter uma conotação literária, sendo inicialmente qualificado como novela; outra acepção dá conta de que esse tipo de texto teve seu advento com os irmãos Wilhelm e Jacob Grimm.

Com o tempo, o conto passou a ser empregado como uma narrativa popular com elementos fantásticos e irrealis. Por ser uma produção de cunho popular, havia quem não gostasse do termo no período romântico, por ser denominado de outra forma, como novela ou romance. Essa mudança ocorria em razão de que os escritores acreditavam que o termo conto

diminuía a importância de suas produções, fazendo com que a expressão fosse considerada como depreciativa às suas próprias imagens.

Passados vários séculos, o conto perdura na literatura e é, ainda, um tipo de texto muito apreciado pelos leitores. No entanto, houve diversas mudanças na forma como é concebido. No Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés (2004), é posto que a qualificação do conto no período pós-moderno ou contemporâneo se dá como uma produção literária que possui uma única ação, única história e um só conflito. Nestes termos, ele é posto como um fragmento de uma história. Assim, o conto assume um caráter presencial, pois não enfoca em acontecimentos passados nem futuros, mas sim no que ocorre no presente. No entanto, como aponta Massaud, o conto não deixa de fazer referências a acontecimentos já ocorridos ou que possam ocorrer, mas o faz de forma resumida, de modo que não quebre a sequência de ações e fatos que se desenrolam em um tempo presente dentro deste tipo de texto literário.

Ainda com relação ao conto no período contemporâneo, vale enfatizar os principais responsáveis por sua expansão no Brasil. Se enaltece, aqui, a importância de Machado de Assis, Rubem Fonseca, Álvares de Azevedo, Dalton Trevisan, Clarice Lispector, Cora Coralina, dentre outros autores para que esse gênero literário ganhasse ainda mais notoriedade e relevância dentre o público leitor e intelectual do país. Sem suas contribuições, os contos ainda teriam as características de texto fabuloso, com elementos fantásticos que não refletiam a realidade como ela é.

Por meio da literatura, mais especificamente pelo conto, é possível ressaltar diversas problemáticas que envolvam as pessoas. Essa abordagem revela as constantes mudanças ocorridas no mundo contemporâneo, que exigem com que as pessoas tenham o poder da maleabilidade para adaptarem-se a diversas condições impostas por uma sociedade capitalista, com mudanças constantes (ARRUDA, 2012). Essas problemáticas que afligem uma quantidade considerável de pessoas não são evidenciadas por meio de um grupo de personagens dentro das narrativas, mas sim por meio de uma sobre a qual todo o desenrolar da história é desenvolvido.

Dessa forma, igualmente ao que ocorre no cotidiano da sociedade, a literatura pós-moderna também tem essa característica de estar em constante mudança. O que é tido como verdade ou modelo preestabelecido hoje, amanhã pode cair por terra devido a essas constantes mutações que ocorrem na contemporaneidade.

Diferentemente de outras épocas, a contemporaneidade não preza por regulamentações. Pelo contrário, o que se espera é uma quantidade de mudanças ainda maior, onde os padrões não conseguem efetivação nem perduram por muito tempo. Isso ocorre em razão de que não só

a literatura, mas a pintura, escultura, música, teatro, dentre outras manifestações culturais, bebem nas fontes de diversos períodos históricos.

Por essa razão não há como ter estabelecido um molde, uma regra para todas essas produções, no sentido de que todos os campos de produção intelectual da atualidade estão em um movimento constante, necessitam de adaptações, inserções e exclusões de variados elementos e aspectos em tempo real, sem dar espaço para a sacralização de determinada característica.

Santos (2000) corrobora com as concepções acima sobre o período contemporâneo, pois evidencia que é nessa época que há profundas alterações nos campos artístico, científico e social. De acordo com o autor, essas modificações ocorrem desde o ano de 1950, quando se encerra o Modernismo, que durou exatamente 50 anos. O pós-moderno surgiu com o advento da computação e fortalecimento da arquitetura nos anos 50, sendo fortalecido pela chamada Cultura Pop em 1960 e pela Filosofia na década de 1970 e pelo cinema, música e tecnologias na atualidade. O que ocorre no século XXI é um reflexo dessa série de acontecimentos ocorridos na segunda metade do século XX.

Seguindo nessa linha de mudanças ocorridas no período pós-moderno, segmenta-se aqui para a literatura. Postulada como o campo do conhecimento destinado à produção de textos em prosa ou em verso de acordo com elementos ficcionais e reais, a literatura teve que sofrer diversas adaptações para não definir em um período marcado por constantes mutações. Nesse sentido, essas alterações ocorreram no campo estrutural desse campo do conhecimento para que, com o advento de novas tecnologias, ele não ficasse obsoleto, correndo o risco de desaparecer.

Esse risco de desaparecimento é apontado por Perrone-Moisés (2016) ao afirmar que os grandes escritores sumiriam e que, conseqüentemente, sumiria a literatura. Porém, esse prognóstico não ocorreu de fato, pois, como evidenciado, a literatura teve que adaptar-se a um novo tempo, a novas tecnologias, a uma nova rotina. Para que isso ocorresse, de fato, foram necessárias uma série de mudanças e adaptações. Dentre as adaptações, frisa-se aqui o conto.

Em virtude de a contemporaneidade ser um tempo em que a rotina do homem é acelerada e está em constante movimento, a literatura tinha que encontrar um modo para ir ao encontro disso. Uma das maneiras foi o aprimoramento do conto. Por meio deste gênero, buscou-se atender aos anseios do público leitor com narrativas concisas, em virtude do pouco tempo existente para a apreciação de textos literários.

Luiz Carlos Simon (apud ARRUDA, 2012) afirma que os contos vêm a atender essas peculiaridades da contemporaneidade através de “[...] três aspectos básicos: fragmentação,

velocidade e intensidade” (p. 225). Dessa forma, reafirma-se o caráter de concisão deste gênero para atender a uma demanda de leitores que não possuem muito tempo para a apreciação de textos, mas sem perder a qualidade de um romance, por exemplo. O conto seria então, como afirma Moisés (2004), uma narrativa literária desenvolvida de acordo com a estética contemporânea, que busca exprimir com rapidez os acontecimentos do mundo moderno. Portanto, o conto seria um reflexo do que ocorre no cotidiano.

Arruda (2012) afirma que um dos três aspectos do conto, apontados por Luiz Carlos Simon, se faz mais presente na elaboração dos contos de forma geral. Trata-se da fragmentação, explicitada como uma das características da sociedade moderna. Esse aspecto é evidente em razão da perda de unidade no próprio modo de viver do homem contemporâneo, que, de forma bem acentuada, deixou de limitar suas ações no dia a dia a moldes preestabelecidos por tradições ou dogmas impostos à sociedade. Assim, o conto passa a ser um tipo de texto literário restrito a uma cena, um só sujeito, uma só ação que não vem a abarcar um número elevado de indivíduos dentro da própria narrativa. Nesse sentido, esse gênero é bastante individualista, igualmente ao próprio homem, que deixou de se preocupar com os problemas coletivos para se focar nos individuais.

Essas características de fragmentação e individualização são presentes no objeto de estudo deste trabalho, o livro de contos *A Coleira do Cão*, de Rubem Fonseca. Afirma-se isso baseado na própria forma como todos os textos presentes na obra são compostos. Conforme essas qualificações, é importante salientar que as oito composições que fazem parte do livro são enfocadas em acontecimentos que envolvem um ou, no máximo, quatro personagens centrais.

Para exemplificar essas características, pomos aqui o primeiro conto do livro de Fonseca, *A força humana*. Nesse texto, a fragmentação faz-se presente na construção de toda a história narrada, tendo em vista que a mesma limita-se a acontecimentos que envolvem o personagem principal, um halterofilista. Dessa forma, todas as ações lhe envolvem, pois, além de personagem, é ele quem narra todas as ações, individualizando o conto. É importante elencar que a história tem como um fator condicionante a própria força do homem, que é posta como um fator primordial para alguém ser melhor que o outro.

Nesse primeiro conto, é versado sobre a preparação do protagonista para um campeonato de halterofilismo no Rio de Janeiro. As etapas de treinamento e a rotina das academias de musculação são colocados na história, de forma que o leitor sinta-se parte integrante da narrativa enquanto a aprecia. Ainda com relação à fragmentação, cita-se que no conto o número de personagens evidenciados é bem limitado, sendo, além do protagonista, quatro pessoas que participam ativamente das ações narradas. Além disso, salienta-se que o

espaço de tempo em que todo o desenrolar da história ocorre é bem limitado, correspondendo à fase de preparação do protagonista para o campeonato até a despedida de sua namorada, a garota de programa Leninha.

Ainda em cima da temporalidade do referido conto, destaca-se que o ele não possui um início, meio e fim bem delimitado. Diz-se isso baseado na própria leitura, pois nela pode ser verificado que o conto é iniciado narrando o que se passava na cabeça do personagem-narrador, o halterofilista, enquanto estava em frente de uma loja de discos escutando música: “Eu queria seguir em frente mas não podia. Ficava parado no meio daquele monte de crioulos – uns balançando o pé, ou a cabeça, outros mexendo os braços...” (FONSECA, 2010, p. 11). Na parte final do conto é narrado os momentos após a despedida do halterofilista de sua namorada, Leninha: “[...] E fui rezando lá por dentro e imaginando coisas, se tivesse pai ia beijar ele no rosto, e na mão tomando bênção, e seria meu amigo e seríamos ambos pessoas diferentes” (FONSECA, p. 35).

Os excertos acima citados são, respectivamente, os trechos que iniciam e finalizam o conto *A força humana*. A partir deles, fica evidente a postulação de que o conto não tem início, meio nem fim bem definidos. Tal questão ocorre em razão de que o texto traz apenas um fragmento da vida do personagem halterofilista, posto em 24 páginas do livro *A Coleira do Cão*. O que ocorre antes ou depois dos fatos postos na narrativa tornam-se incógnitas para o leitor não só deste, mas dos outros contos do livro, levando-se em consideração de que esse aspecto também se faz presente nas sete narrativas na obra.

Tendo como uma de suas características a objetividade dos textos, o conto contemporâneo vem a atender o tripé que Simon (apud ARRUDA, 2012) elabora sobre os aspectos que esse gênero literário deve abarcar: fragmentação, velocidade e intensidade. Essas características são encontradas no conto *A opção*, que narra um caso de uma equipe composta por professores e alunos do curso de Medicina que tem de decidir sobre a sexualidade de uma criança de 09 anos de idade diagnosticada como hermafrodita.

Os aspectos acima postos são identificados em *A opção* pela razão de que o conto traz apenas uma pequena parte da vida da criança e do grupo do curso de Medicina, evidenciando assim a fragmentação. Quanto à velocidade, essa característica é perceptível na própria dinâmica da construção do conto, que possui pouca narração e tem em sua composição a presença mais acentuada de falas dos personagens: “[...] Ele inventava coisas. Ajudou a nossa, a sua’ / ‘A nossa...’ / ‘A nossa decisão’, disse Fernando. / ‘Este caso é diferente’, Danilo...” (FONSECA, 2010, p. 114).

Nesse conto também ocorre a presença do que Arruda (2012) aponta como o caráter individualista da narrativa contemporânea. Por versar sobre o problema de uma criança de 09 anos que está sob os cuidados de uma junta médica e residentes de Medicina, a narrativa *A opção* assume essa característica, pois toma como enfoque um só sujeito e um só problema, delimitando toda a narrativa nisso.

É de suma importância frisar ainda que o conto traz à tona um tema que intriga e gera polêmica nos dias atuais. O assunto tratado diz respeito à questão de gênero, pois no decorrer da narrativa discute-se sobre qual o sexo certo da criança, com base em aspectos da anatomia humana, principalmente ao que concerne aos sistemas reprodutivos masculino e feminino. Porém, esses fatores não são o que mais chamam atenção dentro da história.

O que mais instiga no decorrer do conto *A opção* é o fato de a equipe médica ter que decidir sobre qual era, realmente, o sexo da criança, o que gera uma expectativa por parte do leitor. Seguindo uma das características do conto postas anteriormente, esse conto se insere na contemporaneidade que dispõe sobre o fato de esse tipo de produção literária não ter um início nem um fim bem definido. O último parágrafo da história mostra isso: “Danilo põe os slides rapidamente numa caixinha. Suas mãos tremem. Ele chegou a uma decisão, e tem pressa” (FONSECA, 2010, p. 122).

No excerto, fica mais do que evidente que chegou-se a uma decisão final sobre qual era o sexo da criança, baseado em seus hábitos, fisionomia, anatomia, dentre outros fatores. Porém, essa resposta não é dada, deixando o leitor sem saber o desfecho final de toda a narrativa. Assim, Rubem Fonseca utiliza da omissão dos fatos para criar uma dúvida na cabeça do apreciador de sua obra, forçando-lhes a criação de um desenrolar dos fatos por meio da imaginação.

Ainda com relação ao conto fonsequiano, salienta-se que o mesmo é repleto de alegoria. Antes de tudo, é importante conceituar o que é essa categoria literária. De acordo com Moisés (2004), esse termo tem como significado um discurso que faz entender outro. Assim, a alegoria pode estar expressa através não só dos textos, mas também em imagens, pessoas, figuras, ideias, símbolos etc.

Na obra *A Coleira do Cão*, se inicia a discussão sobre a presença de elementos alegóricos no seu título. Nele faz-se a remissão a um objeto que é utilizado para prender um cão em determinado local. A utilização desses termos é feita propositalmente, tendo em vista que, mesmo sem estar preso a uma corrente que limita seu trânsito, o cão carrega consigo um objeto que faz parte da corrente em si. Nesse sentido, a liberdade não é total.

O título do livro faz uma metáfora sobre a condição do homem preso a si mesmo. Assim como o cão que está em ‘liberdade’ com uma corrente no pescoço, o homem também tem algo

que lhe prende a problemas internos, que não conseguem ser vencidos mesmo com a aparente liberdade. Isso fica evidente logo de início, no conto *A força humana*, pelo fato de que nele destaca-se o homem preso à sua condição física, em que a força e os músculos são mais importantes do que qualquer coisa para o protagonista, o halterofilista.

Dando sequência à obra, tem-se o conto *O gravador*, que versa sobre a história amorosa de Jorge do Valle e Alda. Nesse caso, o que prende o homem a si mesmo é o próprio medo. Esse medo seria o de ter contato com o mundo exterior a uma casa, fazendo com que o protagonista fique limitado a se comunicar com pessoas que não são de sua família somente por meio de um aparelho de telefone. Esse medo que lhe aprisiona faz com que o próprio narrador tenha medo de encontrar com Alda no dia, local e horário marcado, após uma série de ligações em que os dois planejaram o encontro e compartilharam de suas intimidades.

Outro conto que remete a essa ideia do homem preso a si mesmo é o *Relatório de Carlos*. Nessa história, Fonseca traz como plano de fundo a história de amor entre o advogado Carlos e sua amante Norma. Esse amor proibido é evidenciado após a narração do velório do pai do advogado, que assim como seu filho, viveu uma série de relacionamentos extraconjugais, que foram revelados após sua morte. No conto, coloca-se o protagonista na condição de um cão encoleirado quando demonstra-se que ele, apesar de ter uma série de paixões e casos amorosos fora do casamento, não consegue esquecer nem desprender-se da sua paixão mais intensa que é Norma. Isso faz com que o protagonista sofra com esse aprisionamento, colocando-lhe em um caminho de definhamento emocional, profissional e financeiro.

Finalizando-se essa discussão sobre o aspecto alegórico do livro *A Coleira do Cão*, enfatiza-se aqui o conto *O grande e o pequeno*. Nesse texto, o aprisionamento do homem em si mesmo é presente numa família de portugueses vindos para o Brasil que não conseguiam, em nenhuma hipótese, livrar-se de todas as tradições oriundas da pátria lusitana. Assim, vivem, de um certo modo, aprisionados a um passado próspero que não se reflete no presente da narrativa. Essa ilusão faz com que os membros dessa família (mulheres em sua maioria) tenham fortemente presente nas suas concepções o racismo, perceptível quando é proibido o relacionamento entre um dos familiares com uma moça mulata, de raízes afro-brasileiras.

Com as colocações acima, fica evidente que o conto vem a ser um reflexo do cotidiano do homem contemporâneo, do ponto de vista que trata dos problemas em sua individualidade, não mais amplamente como era feito em épocas anteriores.

3.3 FIGURAÇÃO DA MULHER

Nesta pesquisa, além de se fazer um trabalho analítico sobre a estrutura da obra de Rubem Fonseca com base nos teóricos de literatura pós-moderna, viu-se a necessidade de dar ênfase a uma questão bastante presente ao longo dos contos do livro *A Coleira do Cão*: a qualificação da personagem feminina. Chegou a essa questão por uma inquietação de que uma boa parte das análises bibliográficas em textos literários abarca diversas temáticas, mas raramente a representação feminina dentro dessas obras.

Apesar de esta pesquisa ser elaborada por um homem, desprende-se aqui de todo e qualquer preconceito de gênero para que a análise tenha, ao máximo, um caráter de imparcialidade. Leva-se em consideração para isso que, durante toda a construção teórica procurou-se elencar conceitos e discussões não só sobre a mulher na contemporaneidade, mas do personagem em si, além da própria sociedade pós-moderna.

Focando-se na representação da mulher na contemporaneidade, é importante remeter ao que foi posto na parte teórica desta pesquisa. Como já foi visto, o universo literário no Brasil é composto, em sua maioria, por escritores do sexo masculino. Isso ocorre em razão do próprio modelo familiar adotado, que é o patriarcal. Nesse sentido, torna-se mais fácil o homem galgar mais espaço em todos os setores da sociedade, limitando o acesso das mulheres e sua ascensão.

Essa questão acima ocorre na literatura da contemporaneidade, pois, no pedestal dos escritores com mais relevância tem-se um número maior de homens. Mais que isso, pois os homens conseguem ter mais êxito na expansão de suas produções. Isso torna-se evidente no simples fato de que, num contexto de escritores composto por Dalton Trevisan, Ferreira Gullar, Milton Hatoum, Rubem Fonseca, Ariano Suassuna entre uma infinidade de outros escritores, há um número limitado de escritoras. A presença da mulher no grupo seletivo de produtores literários contemporâneos é limitado a quatro nomes: Lygia Fagundes Telles, Cora Coralina, Adélia Prado e Nélide Pinõn. Deste modo, fica mais do que claro que na literatura tem a segmentação de gênero, pois a quantidade de mulheres no grupo de escritores é ínfima se comparada a de homens.

A quantidade de mulheres no campo de produção literária pode ser qualificada até mesmo como um reflexo de todo o processo de construção social do Brasil, levando-se em conta de que o próprio modelo familiar posto no país coloca a figura masculina como aquela que comanda todos os membros, pois é a responsável pelo sustento financeiro dos membros do grupo e, assim, obtém o poder sobre os demais assumindo o papel de líder. À mulher cabe apenas as tarefas domésticas de lavar e passar, além de ter que satisfazer o esposo no que lhe for solicitada. É fundamental enfatizar aqui que essa condição da mulher não é recente, mas sim desde os primórdios, no período pré-histórico. Nessa época, cabia à mulher o papel de

reprodutora, dependendo do homem para a proteção e o mantimento da família com alimentação (CHAGAS & CHAGAS, 2017). Apesar de ter se passado milhares de anos desde então, essa qualificação da mulher ainda se faz presente na sociedade contemporânea em razão da existência do que chamamos de machismo.

Segundo Gutmann (2013), o machismo está ligado ao sentimento do homem em se considerar macho. Conforme o autor, o termo macho remete a homens que se sentem superiores à mulher pela sua própria condição física que lhe faz mais forte, além do seu caráter indomável que lhe torna o condicionador de todas as ações no âmbito familiar e social. Sendo assim, o machismo está muito ligado a um caráter de dominação, em que o homem é o dominador e a mulher a dominada.

No Brasil essa condição de superioridade do homem em detrimento da mulher já foi baseada na própria constituição, pois, segundo Chagas & Chagas (2017), na constituinte de 1824 a mulher era excluída de atos sociais, tendo o direito de votar e ser votada proibido. Essa situação de inferioridade foi fortalecida com a constituição de 1916, a qual estabelecia o ser do sexo feminino como inferior, tendo que estar submisso à orientação e aprovação do homem.

Para quebrar com esse caráter de inferioridade imposto às mulheres pela própria constituições de 1824 e 1916, foi instituída, em 1988, um novo conjunto de leis que garantiam a igualdade de gênero, quebrando com essa questão de superioridade do sexo masculino. Apesar disso, a condição de inferioridade ainda se faz presente nos dias atuais.

Em uma entrevista concedida a Christian Grönnagel e Doris Wieser (2015), o premiado escritor brasileiro Luiz Ruffato qualifica veementemente o Brasil como um país machista. Conforme Ruffato, um reflexo desse machismo é notado nos próprios índices de assassinatos de mulheres em todo o mundo, pois o Brasil está na oitava colocação neste ranking. Na última década, no total, foram assassinadas mais de 45 mil mulheres em todo o país. Ainda de acordo com o escritor, o brasileiro é machista em razão de aspectos culturais perpetuados ao longo dos anos:

“[...] Nós somos machistas, nós temos uma dificuldade enorme em lidar com essa mulher nova, que ocupa um lugar no mercado, que tem independência, que é uma mulher intelectual. Eu acho que isso é muito claro para mim, que nós não sabemos lidar com essa nova mulher” (Idem, p. 385).

Nessas colocações, Ruffato coloca o machismo como um reflexo das mudanças, para as quais o homem brasileiro não está preparado. Em razão disso, para não se sentir inferiorizado às mulheres, o sujeito utiliza de práticas machistas para manter-se, mesmo que forçadamente,

acima delas. Um reflexo disso são as práticas preconceituosas e discriminatórias, o que pode ser notado no dia a dia no convívio social e até mesmo na própria literatura.

É correto afirmar que essa força do machismo no Brasil ocorre em razão de fatores sociais, pois, como aponta Esther Duflo (2011). De acordo com a autora, a própria conjuntura econômica do país facilita para que esse problema ocorra, tendo em vista que, com uma economia enfraquecida, menos oportunidades surgirão para que as mulheres tenham ascensão profissional e educacional. Isso reflete na própria delimitação da mulher a tarefas domésticas, pois, sem qualificação profissional, fica ainda mais difícil de serem quebradas as barreiras de uma sociedade extremamente paternalista. É nesse cenário que surge a literatura como um meio denunciativo, para dar voz às minorias, que neste caso são os sujeitos do sexo feminino.

Situamos aqui o objeto de análise deste estudo, o livro de contos *A Coleira do Cão*. Como informado anteriormente, a obra possui oito contos, inseridos dentro de um contexto pós-moderno, mais especificamente na década de 1960.

Em todas as narrativas postas no livro de Rubem Fonseca, a personagem feminina é um elemento constante. Sem exceção, os oito contos possuem a figura da mulher, seja como protagonista, narradora e personagem secundária. Essas figuras assumem diferentes papéis, tendo de uma dona de casa até uma prostituta.

Iniciamos essa discussão com o primeiro conto do livro, *A força humana*. A referida história narra um trecho da vida de um homem durante a sua preparação para um campeonato de halterofilismo. Dentro desta narrativa a mulher é presente em boa parte dela. Logo de início, na primeira ação do conto já ocorre uma referenciação à figura feminina no trecho a seguir: “[...] Além disso, só tocam música legal, daquelas que você tem que ficar ouvindo e que faz *mulher boa* (grifo meu) andar diferente, como cavalo do exército na frente da banda” (FONSECA, 2010, p. 11). Neste excerto, o termo destacado remete a uma qualificação de cunho sexual, pois remete a uma mulher com sua sensualidade a florada, fazendo com que seu comportamento seja igual a de um cavalo, como posto no trecho acima.

É indispensável destacar que o desfecho da história ocorre sobre a influência de Leninha, personagem que é a namorada do halterofilista. Em uma conversa com João (dono da academia onde treinava), o halterofilista foi aconselhado sobre sua namorada: “[...] essa garota não serve, arranja uma que queira uma vez só por semana, ou duas, e assim mesmo maneirando”. (Idem, p. 22). Novamente a mulher é qualificada pejorativamente, sob o ponto de vista de um objeto meramente sexual, assim como ocorre em muitos outros trechos do conto. Vale destacar que a personagem mencionada é, além de namorada do protagonista da história, prostituta, que em

decorrência de sua profissão utilizava nomes de guerra como Tânia e Betty para preservar sua real identidade.

No conto *A força humana*, porém, a figura da mulher não fica restrita a Leninha. Há também dona Maria, uma senhora portuguesa, de idade avançada, dona da instância onde o halterofilista morava. Dona Maria é qualificada pelo protagonista, que ao mesmo tempo é narrador, como uma senhora que possui um caráter de mãe para ele, pois se preocupa com o seu bem estar. Porém, suas qualificações não se restringem a qualidades, tendo em vista que o mesmo chega a mencionar a dona da pensão como uma velha coitada, que se satisfazia a passar o dia inteiro a assistir novelas. A forma como o personagem caracteriza a senhora revela, dentro do conto, uma crítica a esse modelo de vida adotado pela idosa, que se limitava a ficar o dia todo em sua residência assistindo televisão. Desta forma, essas qualificações revelam não só a condição machista dentro do texto, mas também uma crítica aos moldes de vida adotados pelas mulheres.

O segundo conto do livro, denominado *O gravador*, traz dois narradores: um homem e uma mulher. A primeira parte é narrada pelo personagem Jorge, que é um homem fissurado por fonia, tendo como hobby juntar uma série de gravações para em seguida usar seus ruídos para produzir músicas. A partir da segunda parte da história, quem assume o papel de narrador é a personagem Alda, que é uma dona de casa infeliz no casamento, mas que preferia não rebelar-se por medo de não encontrar um novo homem devido a sua idade que já passava dos 30.

No segundo conto do livro de Fonseca é importante destacar, ante de mais nada, que há somente três personagens ao longo do conto: Jorge do Valle (protagonista, Alda, a mãe de Jorge e Jorge (o marido de Alda). Os personagens Jorge e Alda têm um papel primário dentro do texto, pois todas as ações ocorrem com suas participações. À mãe e ao marido de Alda, então, cabe o papel secundário, tendo em vista que não é posta como um personagem de tanta importância no desenvolvimento dos fatos.

O enredo da história é construído em cima da relação entre Jorge e Alda, que passaram a ter contato diário por meio de ligações telefônicas após uma suposta entrevista forjada pelo protagonista para captar ruídos da ligação para produzir músicas. A partir disso, esse contato limitava-se somente ao telefone, tendo em vista que os dois nunca haviam se visto pessoalmente. Mesmo assim, a narrativa versa sobre o sentimento de paixão que tomou conta dos dois, mesmo Alda sendo casada, através do contato diário por meio das ligações telefônicas.

Saindo dessa questão do enredo, foca-se aqui na caracterização da personagem feminina, mais especificamente a Alda. Como dito anteriormente, ela é dona de casa. Por ter tal função, a rotina dela limitava-se à residência, sendo encarregada por todos os afazeres

domésticos. Essa condição, porém, não incomoda a personagem, que conforma-se por ser uma simples dona de casa, sem grandes expectativas para sua vida. O conformismo de Alda com sua vida fica mais evidente quando ela deixa bem claro a Jorge do Valle que é muito feliz em um casamento que é fracassado, onde ela mesmo não sente nenhuma afeição ou desejo sexual por seu marido:

[...] Eu tive muita sorte, sou muito feliz no meu casamento, mas vejo tanta gente infeliz por aí, casais que não se entendem, que vivem uma vida de cão e gato, ou então uma vida triste, sem entusiasmo, sem amor, em que ambos se conformam com a vida miserável, que levam, sem coragem de partir os laços que os unem e começar uma vida nova. (FONSECA, 2010, p. 49).

O discurso de Alda não corresponde com a realidade, pois, como colocado anteriormente, ela vive em um casamento fracassado. No entanto, essa contradição revela algo que ainda se faz muito presente na contemporaneidade: o casamento sustentado pela conveniência e pela própria tradição, em virtude de que se houvesse o litígio, a personagem poderia ficar com sua imagem manchada por tornar-se uma mulher solteira. Assim, o casamento seria apenas de aparência.

Ainda sobre essa temática que evidencia a hipocrisia da sociedade contemporânea, Rubem Fonseca volta a abordar sobre o casamento sustentado pelas aparências no conto *Relatório de Carlos*. Nesta narrativa, abordasse sobre o relacionamento extraconjugal entre o advogado Carlos e sua amante Norma.

Igualmente aos outros contos, este é narrado em primeira pessoa pelo protagonista. Voltando à problemática do casamento de aparência, ela é revelada na forma como Carlos descreve sua mulher:

[...] Ela queria ser minha esposa, minha mulher, mãe dos meus filhos e eu não deixava. Minha esposa era outra, que me esperava em casa num silêncio ferido sem misericórdia, que não me amava, mas queria viver comigo para o resto da vida, porque é assim que as coisas tinham que ser e ela só fazia o que tinha que ser, não importa o que doesse, pois doeria muito mais romper os contratos, abandonar os valores consagrados, os padrões usados, a aprovação dos parentes, amigos e vizinhos. Era uma mulher que me esperava na sala em penumbra, sentada, imóvel, numa poltrona no canto mais escuro da sala, como uma coisa já morta e no entanto mortífera... (FONSECA, 2010, p. 79).

O trecho acima revela muito mais do que um casamento fracassado amorosamente. Revela uma relação alicerçada nas tradições, em que a falta de afetividade não significa nada frente ao suposto vexame que ocorreria se a relação fosse acabada. Nesse sentido, o matrimônio é posto como um mero contrato, em que o simples fato de o casal estar junto é o que mais

importa para demonstrar a sociedade de que tudo transcorre bem e que a felicidade faz parte da relação, apesar de ser uma aparência enganosa.

Dentro desta narrativa vale ressaltar ainda que a figura feminina é posta como um objeto de satisfação masculina. É notado isso no próprio fato de o protagonista Carlos não contentar-se com sua mulher e buscar contentamento sexual em Norma, sua amante. Esse problema torna-se ainda mais explícito quando o advogado rompe relações com sua amante e passa a buscar, incessantemente, uma outra mulher para preencher essa lacuna deixada pela amante. Prova disso é que ele relacionou-se também com Tereza e Sônia para tentar esquecer Norma. No total, é citado na obra que o protagonista teve relacionamentos com quatro mulheres.

Por se relacionar com várias mulheres e buscar constantemente saciar-se sexualmente, Carlos caracteriza-se como macho, de acordo com a proposição de Gutmann (2013). Conforme o autor, o macho é aquele que é mulherengo, mas que preza pela permanência e fortalecimento da conjuntura familiar, assim como o advogado.

Desta forma, a narrativa demonstra claramente a hipocrisia existente na sociedade contemporânea, em vista de que preza-se pelo fortalecimento da família, por exemplo, mas pratica-se o adultério, indo totalmente contra ao que é pregado.

Apesar de a obra analisada ter sido publicada na década de 60, os temas elencados e discutidos são bem atuais. Prova disso é que todos os contos versam sobre questões que são presentes no cotidiano de muitas pessoas, que diariamente enfrentam batalhas psicológicas dentro de si mesmo para buscar uma melhoria nas suas condições de vida. Sendo assim, o próprio nome da obra revela essa luta interior, pois assim como um cão pode viver livre e circula com uma coleira no pescoço que referencia ao seu aprisionamento a uma corrente, o homem também possui em sua mente problemas que lhe aprisiona, limita sua vida, como ocorre nas oito narrativas que compõem a obra *A coleira do cão*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rubem Fonseca é um grande escritor da literatura brasileira, reconhecido por ser um romancista que veio a inovar o modo de produzir textos literários no Brasil. O autor é um dos grandes responsáveis pelo advento da estética pós-moderna no país, em razão da inovação adotada para construir suas narrativas com um caráter sensual, sem impedimentos para utilizar termos considerados impróprios pela sociedade tradicional e por trazer à tona problemáticas que, de certa forma, são veladas pela própria sociedade.

Em razão desses aspectos do autor é que observou-se a importância de se verificar como a mulher é qualificada na obra *A Coleira do Cão*. Muito mais do que isso, buscou-se também fazer um panorama sobre os próprios contextos sociais imersos na contemporaneidade. Assim, ao longo do presente trabalho - fruto de uma pesquisa bibliográfica -, fez-se uma abordagem teórica sobre as teorias envolvidas na narrativa literária contemporânea, sobre a relação entre ficção e realidade na literatura e sobre como ocorre a construção de sujeitos ficcionais no meio literário.

No desenvolvimento desta pesquisa também fez-se a análise de dados coletados dentro da narrativa. Essa etapa foi constituída em três etapas. Na primeira verificou-se como a sociedade contemporânea é posta na obra de Rubem Fonseca. A segunda teve como enfoque elencar as principais características do gênero literário conto, contextualizando-se com o livro *A Coleira do Cão*. Por último, tomou-se como ponto de abordagem a forma como a mulher é caracterizada ao longo dos oito contos que compõem o livro composto por Rubem Fonseca.

Cabe salientar que todo esse processo de análise da obra *A Coleira do Cão* é novo. Afirma-se isso com base em pesquisas feitas acerca da obra em revistas científicas e sites especializados em literatura brasileira. Durante esse processo de investigação, constatou-se a raridade de pesquisas acerca do livro de contos, em vista de que o número de artigos, monografias, dissertações e teses sobre a obra é bem limitado. Nesse sentido, a pesquisa mostra-se fundamental, pois vem trazer novos olhares sobre uma obra de Rubem Fonseca que não é tanto explorada como *A Grande Arte*, por exemplo.

Além das contribuições para o campo acadêmico, é de suma importância enaltecer que a presente pesquisa também traz um legado para a sociedade. Essas contribuições ocorrem no sentido de que a pesquisa faz um apanhado sobre problemáticas da sociedade contemporânea presentes na obra de Rubem Fonseca. Além disso, por meio do trabalho almeja-se a conscientização contra qualquer tipo de preconceito contra a mulher, que é o sujeito analisado

aqui. Dessa forma, intui-se a desmistificação de qualificações pejorativas das personagens femininas na literatura contemporânea.

Outra questão a ser ressaltada diz respeito às contribuições desta monografia para o enriquecimento acadêmico, em vista que através de todas as etapas da pesquisa aumentou-se consideravelmente os conhecimentos acerca das teorias da literatura, do contexto social do século XXI, do papel da mulher na literatura, dentre outras questões. Um ponto que deve ser bastante frisado diz respeito à própria composição da pesquisa. Nessa questão, conclui-se que a presente análise é fundamental no aumento de bibliografia acerca do livro *A Coleira do Cão*, em razão da pouca quantidade de trabalhos científicos acerca da obra de Rubem Fonseca. Desse modo, a presente pesquisa serve até como aporte para futuras investigações a serem feitas tomando como objeto de análise a obra de Fonseca.

Partindo para os resultados obtidos nesta pesquisa, frisa-se que a partir de toda a análise, chegou-se à conclusão de que, assim como em suas outras obras, Rubem Fonseca utiliza do livro *A Coleira do Cão* para criticar o modelo de sociedade adotado na sociedade contemporânea. Essa afirmativa é baseada na forma que o livro é constituído.

Composto por oito contos, a obra de Fonseca traz à tona problemas do homem contemporâneo. Problemas esses que são oriundos do modo de vida acelerado da atualidade. É por meio da literatura que essas questões são postas em evidência, fazendo do livro um retrato da realidade. Esse retrato é feito por meio da abordagem de questões que muitas das vezes buscam ser escondidas e ficam presas no íntimo do ser humano.

Uma exemplificação da questão acima dá-se no próprio nome do livro, que utiliza-se do termo *coleira* para mostrar as problemáticas envoltas das pessoas que não conseguem se desprender de determinadas condições psicológicas que, de certa forma, atormentam e são ignorados pela maioria por estarmos em um tempo em que a discussão dos problemas deixou de ser feito de modo coletivo para aprofundar-se na individualidade. Portanto, a obra de Fonseca é posta como um reflexo do que ocorre no cotidiano pós-moderno e serve como um instrumento de identificação de problemas que ocorrem com o homem contemporâneo

Ainda neste sentido, Rubem Fonseca toma sua obra como um instrumento de crítica ao modelo de sociedade adotado na contemporaneidade. Apesar de ser ambientada na década de 1960, a obra fonsequiana tem um caráter bastante atualizado, pois traz à tona questões muito presentes no dia-a-dia do século XIX. Dentre elas frisa-se o esforço desenfreado para alcançar uma condição física aprimorada como é posto no conto *A força humana*, o preconceito racial presente em *O grande e o pequeno*, o adultério discutido em *O relatório de Carlos*, a discussão de gênero feita em *A opção*, o contexto de violência em comunidades periféricas abordado no

conto *A coleira do cão*, e a qualificação pejorativa da personagem feminina ocorrida em todos os contos da obra.

A identificação de como a mulher é identificada e posta no livro *A Coleira do Cão* abarca a problematização posta na parte inicial deste trabalho. Nesse sentido é correto dizer que, na grande maioria da obra, a personagem feminina é posta em um patamar inferior aos homens em decorrência do contexto social contemporâneo, que possui marcas muito fortes do machismo em sua composição.

Ainda sobre a identificação da mulher nos contos de Rubem Fonseca, vale dizer que o espaço ocupado nos contos não fica limitado a coadjuvante. Nos contos, a mulher assume o papel de protagonista, protagonista-narradora e até figurante. Nesse aspecto, observa-se que em 90% dos contos quem assume o papel de protagonista é um homem. Isso é um reflexo do próprio contexto da literatura contemporânea no Brasil, pois, como foi posto ao longo da análise, as mulheres ainda são minoria no grupo seletivo de escritores pós-modernos. Dessa forma, revela-se uma segmentação dentro do campo literário.

Em cima de tudo que foi exposto, aponta-se que o livro de contos *A Coleira do Cão* é um objeto que necessita de muito mais análises. Como dito anteriormente, são poucos os trabalhos científicos acerca da obra. Assim, cabe um melhor olhar sobre o livro, pois, apesar de não ser o mais conhecido e apreciado do escritor Rubem Fonseca, possui elementos fundamentais para a compreensão do contexto social e literário da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992.

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de Arruda. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. **Revista Estação Literária**. Londrina, v. 9, p. 220-237, jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=67>. Acesso em: 06 jun. 2017.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CHAGAS, Leticia; CHAGAS, Arnaldo Toni. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1095.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

CORONEL, Luciana Paiva. A representação da violência na ficção de Rubem Fonseca dos anos 70: o brutalismo em questão. **Revista Literatura em Debate**. Frederico Westphalen, set. 2013. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri/index.php/literaturaemdebate/article/view/1046>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

COSTA, Lígia Militz. **A Poética de Aristóteles**. São Paulo: Ática, 2003.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DUFLO, Esther. Igualdade dos sexos e desenvolvimento. In: OCKRENT, Christine (coord.). **O livro negro da condição das mulheres**. Tradução: Nícia Bonatti. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FONSECA, Rubem. **A coleira do cão**. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRÜNNAGEL, Christian; WIESER, Doris. “O Brasil é um país extremamente machista”: entrevista com Luiz Ruffato. In: DALCASTAGNÈ; LEHNEN, Leila. **Espaço e subjetividade**. Brasília, n. 45, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/14783>>. Acesso em: 22 set. 2017.

GUTMANN, Matthew. **O Machismo**. Niterói, n. 34, set. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/170>>. Acesso em: 22 set. 2017. Acesso: 22 set. 2017.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 17. ed. trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 18. ed. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix Ltda, 1967

_____. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix Ltda, 2004.

MOORE, Carlos Wedderburn. **O Racismo Através da História: da antiguidade à modernidade**. 2007. Disponível em: <http://www.ipeafro.org.br/10_afro_em_foco/index.htm>. Acesso em: 30 set. 2017.

PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdenia. **O ensino da literatura e a condição humana**. 2010. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/387-08082010-001342.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIRES, Clelia Simeão. **Violência, erotismo e transgressão: A grande arte, um romance policial de Rubem Fonseca**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Jair Ferreira dos Santos. **O que é pós-moderno**. São Paulo, Brasiliense, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. trad. Leyla Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.